



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARIA NAYANE PRADO DE ALMEIDA

**ASPECTOS SINTÁTICOS DAS POSPOSIÇÕES EM WAPIXANA (ARUÁK)**

Boa Vista - RR  
2017

MARIA NAYANE PRADO DE ALMEIDA

**ASPECTOS SINTÁTICOS DAS POSPOSIÇÕES EM WAPIXANA (ARUÁK)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima – UFRR, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Língua e cultura regional.

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Zoraide dos Anjos Gonçalves da Silva Vieira

Boa Vista - RR

2017

MARIA NAYANE PRADO DE ALMEIDA

**ASPECTOS SINTÁTICOS DAS POSPOSIÇÕES EM WAPIXANA (ARUÁK)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima – UFRR, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre. Área de concentração: Língua e cultura regional. Defendida em 25 de abril de 2017 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Professora Dr<sup>a</sup> Zoraide dos Anjos Gonçalves da Silva Vieira  
Orientadora – PPGL/UFRR

---

Professor Dr. Fernando Orphão de Carvalho  
Membro externo da banca – UNIFAP

---

Professor Dr. Manoel Gomes dos Santos  
Membro interno da banca – PPGL/UFRR

---

Professor Dr. Rodrigo Mesquita  
Membro Suplente – PPGL/LIBRAS/UFRR

Boa Vista – RR

2017

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pela proteção, amor e iluminação ao longo de minha vida.

À minha orientadora Dr<sup>a</sup> Zoraide dos Anjos, pelo apoio e dedicação durante o período dessa pesquisa.

Sou grata também aos meus familiares que estiveram presentes desde o começo dessa jornada que me deram suporte e incentivo nas horas mais difíceis.

Aos meus professores e colegas da pós-graduação, pelo conhecimento compartilhado. Em particular, ao Jaelson da Silva, amigo de todas as horas.

Ao Professor Gláudio Batista, por gentilmente ter emprestado parte de seu acervo pessoal.

Ao professor Dr. Manoel Gomes e à professora Dr<sup>a</sup> Simone Guesser pelas críticas e sugestões que contribuíram positivamente para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço também, aos professores Dr. Fernando Orphão, Dr. Manoel Gomes e Dr. Rodrigo Mesquita, por aceitarem compor a banca avaliadora deste trabalho.

À Capes pelo auxílio financeiro.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fornecer uma descrição do comportamento sintático da classe de posposições da língua Wapixana. Para tanto, foram analisadas sentenças que foram elicitadas junto aos falantes nativos da língua. Os pressupostos teóricos que sustentam nossas análises estão alicerçados na Sintaxe Gerativa, mais especificamente no modelo da Teoria da Regência e Ligação. Nessa dissertação são abordadas questões como a atribuição de Caso, regência e a atribuição de papel temático. Os resultados das análises nos fornecem informações importantes sobre os comportamentos semântico e sintático das posposições em Wapixana, o que nos possibilita promover a discussão acerca das adposições, bem como contribuir com os trabalhos descritivos dessa língua.

Palavras-chave: língua indígena; Wapixana; posposições; sintaxe;

## **ABSTRACT**

The present work aims to provide a brief description of the syntactic behavior of the postpositions class of the Wapixana language. For this purpose, sentences were collected and analyzed with natives' speakers of the language. The theoretical presuppositions that support our analysis are based on Generative Syntax, more specifically on the model of the Government Binding Theory. In this work, we discuss issues such as: i: Case Assignment and Government ii: Assignment of thematic roles. The results of the analyzes provide us important information about the semantic and syntactic behavior of these elements, which allows us to promote the general discussion about the adpositions, as well as to contribute with the descriptive works of this language.

Keywords: indigenous language; Wapixana; postpositions; syntax;

## ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

ACC	acusativo
Adv	advérbio
ADJR	adjetivador
AE	argumento externo
AgrP	agreement phrase (sintagma de concordância)
AI	argumento interno
ALL	alativo
ANF	anáfora
AT	atributivo
CAUS	causativo; causa
CL	classificador
CP	complementizer phrase (sintagma de concordância)
CONT	contínuo
DAT	dativo
DÊIT	dêitico
Dem	demonstrativo
DP	determiner phrase (sintagma determinante)
EL	elativo
EP	epêntese
EXIST	existencial
F	feminino
GB	government and binding (teoria da regência e ligação)
GG	gramática gerativa
GT	gramática tradicional
IMM	imediate
IMP	imperativo
InfP	infinitive phrase (sintagma infinitivo)
INST	instrumento
IP	inflectional phrase (sintagma flexional)
K	caso
LOC	locativo
M	masculino
MI	modo indicativo
NEG	negação
NOM	nominativo
NP	noun phrase (sintagma nominal)
NPOSS	não possuído
NPRES	não presente
OBL	oblíquo
PB	português brasileiro
PL	plural
PP	prepositional phrase (sintagma preposicional) ; postpositional phrase (sintagma posposicional)
POSS	possuído; posse
POSP	posposição
PREP	preposição

PRIV	privativo
RECP	recipiente
REFL	reflexivo
SG	sintaxe gerativa
TP	tense phrase (sintagma de tempo)
TCL	termo de classe
VP	verbal phrase (sintagma verbal)
1sg	primeira pessoa do singular
2sg	segunda pessoa do singular
3sg	terceira pessoa do singular
θ	papel temático

## Lista de tabelas

Tabela 1 - Línguas da família Aruák atualmente faladas no Brasil: Rodrigues (2002, p. 72, adaptado) .....	21
Tabela 2 - Palavras da família Aruák que possuem semelhanças: Rodrigues (2002, p. 69, adaptado) .....	21
Tabela 3 - Classificadores em Wapixana (Santos, 2006, p.130) .....	26
Tabela 4 - Marcadores morfológicos de tempo e modo em Wapixana .....	35
Tabela 5 - Classe das posposições em Wapixana e seus respectivos empregos (Santos, 2006, p. 203, adaptado) .....	41
Tabela 6 - Divisão dos núcleos lexicais (Miotto <i>et all</i> , 2013, p.57).....	57
Tabela 7 - Papéis semânticos das posposições .....	73
Tabela 8 - Papéis semânticos atribuídos pelas posposições em Wapixana.....	95

# Sumário

<b>I. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>I.I Justificativa</b> .....	14
<b>I.II Metodologia e Fundamentação Teórica</b> .....	15
<b>I.III Organização da dissertação</b> .....	16
<b>Capítulo 1 – A LÍNGUA WAPIXANA: ASPECTOS ÉTNICOS E LINGUÍSTICOS</b> .....	17
<b>Introdução</b> .....	17
<b>1.1 O Povo Wapixana: População e localização geográfica</b> .....	17
<b>1.2 A língua Wapixana</b> .....	20
<b>1.2.1 Classificação genética</b> .....	20
<b>1.2.3 Aspectos sintáticos da língua Wapixana</b> .....	26
<b>1.2.4 Morfemas verbais e a classe das posposições</b> .....	31
<b>Capítulo 2- A CLASSE DAS ADPOSIÇÕES: DEFINIÇÕES GERAIS</b> .....	37
<b>Introdução</b> .....	37
<b>2.1 Definições gerais e classificação</b> .....	37
<b>2.2 O estatuto morfológico das adposições</b> .....	41
<b>2.3 Características morfossintáticas das posposições em Wapixana</b> .....	43
<b>Capítulo 3 CARACTERÍSTICAS SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS DAS ADPOSIÇÕES</b> .....	50
<b>Introdução</b> .....	50
<b>3.1 A gramática gerativa nos estudos linguísticos</b> .....	50
<b>3.1.1 O Sintagma adposicional</b> .....	53
<b>3.1.2 A natureza categorial das adposições</b> .....	55
<b>3.1.3 Adjuntos adnominais, adjuntos adverbiais e sintagmas complementos</b> .....	59
<b>3.1.4 A representação arbórea do sintagma adposicional</b> .....	62
<b>3.2 Relações predadoras dos sintagmas posposicionais em Wapixana</b> .....	69
<b>Capítulo 4 – POSPOSIÇÕES EM WAPIXANA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE</b> .....	71
<b>Introdução</b> .....	71
<b>4.1 Retomando alguns conceitos</b> .....	71

<b>4.2</b>	<b>Posposições em Wapixana e seus respectivos papéis temáticos</b> .....	<b>73</b>
<b>4.3</b>	<b>Sentenças analisadas nesse trabalho</b> .....	<b>74</b>
<b>4.4</b>	<b>Caso e Regência em sintagmas posposicionais em Wapixana</b> .....	<b>79</b>
<b>4.5</b>	<b>Os papéis semânticos das posposições em Wapixana</b> .....	<b>89</b>
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>100</b>
<b>6.</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>102</b>
<b>ANEXO</b>	.....	<b>106</b>
<b>Anexo A</b>	.....	<b>106</b>

## I. INTRODUÇÃO

Tradicionalmente as adposições são classificadas como elementos com pouco ou nenhum significado e que têm como função estabelecer a relação entre palavras e/ou sentenças via subordinação. Entretanto, este tipo de definição é, no mínimo, insuficiente para abranger o funcionamento dessa classe nas línguas naturais.

Outro fator que se deve levar em consideração, é que a maior parte dos trabalhos existentes a respeito do tema é referente às línguas indo-europeias que possuem em grande maioria um sistema de preposição.

Percebemos, então, que línguas com sistema de posposição, tais como: o japonês e várias línguas indígenas, sobretudo as amazônicas, carecem de mais trabalhos acerca do tema.

Conforme Pires (2010), as línguas Dâw (Maku), Ikpeng (Karib), Matis (Pano), Kamaiurá (Tupi-Guarani) e Wapixana (Aruák) são exemplos de línguas que possuem sistema de posposições. A última, em especial, é a segunda língua mais falada no estado de Roraima, atrás apenas da língua Macuxi (Karib).

Portanto, a língua Wapixana possui um sistema no qual um elemento nominal antecede uma posposição. Também é comum que estas posposições apareçam, numa sentença, articulando-se com marcadores de pessoa conforme Santos (2006):

- (1) a. u-ɽu pa-(a)-ɽa-ɽ-a-n i-ɽi at  
 3F-F falar- CL: fala-VR-EP-MI 3M-M DAT  
 ‘ela falou para ele’.
- b. ã-tum-a-n-ni: sumaɽa pi-?- at  
 1-fazer-EP-MI-NPRES arco 2-?- RECP  
 ‘Eu vou fazer um arco a ti’.

(Santos, 2006, p. 202)

As sentenças acima extraídas<sup>1</sup> de Santos (*op. cit.*) envolvem posposições em Wapixana. Em (1a) a posposição **at** surge logo após o complemento de natureza nominal *i-ɽi* ‘ele’, formando o sintagma posposicional *i-ɽi at* ‘para ele’. Em (1b) a posposição **at** ocorre imediatamente depois de um marcador da segunda pessoa, *pi-ʔ* ‘você’ formando o sintagma posposicional *pi-ʔ- at* ‘para ti’. Em (1a) o autor assume que a forma **at** apresenta o emprego de dativo já em (1b) **at** marca o papel de recipiente.

Dados já publicados da língua Wapixana como, por exemplo, em (1) motivaram os questionamentos acerca do comportamento sintático de posposições em Wapixana, uma vez que esses elementos possuem, aparentemente, uma função lexical. Essas posposições lexicais apresentam grande ocorrência nas sentenças da língua como núcleos de sintagmas adjuntos atribuindo além de Caso, papéis temáticos ao DP complemento.

Sob o ponto de vista da sintaxe gerativa, há dois tipos de adposições: as lexicais e as funcionais. No primeiro tipo, a função primária da adposição é ser núcleo do sintagma adjunto, e toda vez que isso ocorrer a preposição ou posposição será do tipo lexical. Os elementos pertencentes a essa categoria são capazes de atribuir papéis temáticos, tais como: locativo, alvo, instrumento, etc., aos seus complementos. Logo, adposições se comportam como predicadoras da mesma forma que outras categorias lexicais, por exemplo: verbo e adjetivo.

O segundo tipo é constituído por elementos responsáveis pela atribuição de Caso ao seu complemento, ou seja, essas adposições não promovem a seleção semântica dos seus complementos por entender-se que essa seleção é atribuída pelo próprio verbo. Dessa maneira, exibem apenas função gramatical. Esses elementos são chamados de adposições funcionais.

(2)        Zyn        t-a-n        parakari    daunaiur    **at**  
               mulher    dar-EP-MI    caxiri        homem      POSP

‘A mulher dá o caxiri ao homem’.

<sup>1</sup> Os exemplos de Santos (2006) foram originalmente transcritos fonologicamente. Optamos em manter essa transcrição em todos os exemplos do trabalho deste autor analisados nesta dissertação. Contudo, em todos os outros dados aqui analisados da língua Wapixana, adotamos a ortografia utilizada pelas comunidades.

Em (2) o verbo triargumental *tan* ‘dar’ seleciona semanticamente três argumentos. A posposição *at* é inserida apenas para atribuir caso ao DP *daunaiur* ‘homem’. Dessa forma o DP se torna visível para a interpretação temática.

Com o objetivo de compreender com maior clareza o funcionamento das posposições na língua Wapixana, essa dissertação visa apresentar um estudo sobre alguns aspectos sintáticos dessa classe na língua. A partir dessa problemática, chegamos à seguinte pergunta de pesquisa:

Como explicar a configuração sintática de sintagmas posposicionais em Wapixana bem como suas respectivas funções semânticas?

Para responder a esta questão, será fundamental responder as seguintes subperguntas de pesquisa:

- Como ocorre a atribuição de Caso das posposições nas sentenças analisadas?
- Como é estabelecida a relação de Regência nesses casos?
- Como ocorre a atribuição de Papéis Temáticos nos sintagmas posposicionais em Wapixana?

Para tanto, tomamos como ponto de partida as características semânticas e sintáticas prototípicas das posposições na tentativa de compreender o comportamento dessa classe em Wapixana. Dessa maneira, acreditamos que colaboraremos com a ampliação do conhecimento sobre seus aspectos semânticos e sintáticos.

## **I.I Justificativa**

A iniciativa dessa pesquisa se justifica, em primeiro lugar, pelo fato de não haver um estudo específico sobre a classe de posposições na língua Wapixana. Os poucos trabalhos existentes analisam esses elementos por um viés tipológico-funcional. Consideramos de suma importância a realização de novos estudos acerca dessa classe a fim de descrever seu funcionamento nas sentenças.

Trazendo a questão para o cenário roraimense, a necessidade de mais estudos descritivos acerca das línguas indígenas do estado é urgente. Sendo assim, pretendemos com este trabalho contribuir academicamente com os estudos

descritivos da língua Wapixana, colaborando mais especificamente para a ampliação do conhecimento acerca da língua. Esperamos que esse trabalho possa contribuir, de alguma maneira, com as análises referentes à estrutura e funcionamento das adposições nas línguas naturais.

## **I.II Metodologia e Fundamentação Teórica**

O *corpus* de análise é composto por dados elicitados junto a falantes nativos da etnia Wapixana. Os dados desta pesquisa foram coletados no campus da Universidade Federal de Roraima, mais especificamente nas dependências do Instituto Insikiran durante o segundo semestre de 2016. A coleta ocorreu com a devida autorização dos informantes, conforme termo de compromisso (vide Anexo A). É importante deixar claro que, por se tratar de uma pesquisa cuja abordagem é formalista, analisamos tanto as ocorrências de uso dos sintagmas posposicionais aceitos pelos sujeitos falantes, como também àqueles que não obtiveram a aceitabilidade linguística (dado negativo).

No que diz respeito ao mapeamento sociolinguístico dos falantes, informamos que eles têm idades entre trinta e quatro (34) e trinta e cinco (35) anos, vivem nas comunidades Pium localizada no município do Bonfim, e Malacacheta no município de Cantá. Os informantes nos relataram, ainda, que falam a língua Wapixana com seus familiares e outras pessoas das comunidades em que vivem e também com colegas da universidade que são falantes da língua.

Pelo fato de ser uma pesquisa qualitativa, a quantidade de dados utilizada tem o objetivo de demonstrar a ocorrência do problema em análise junto aos falantes, sem uma preocupação com um recenseamento estatístico nessa etapa.

A enquete de pesquisa é constituída por sentenças elaboradas pela pesquisadora em Wapixana e apresentadas aos falantes. Esses por sua vez realizaram testes de julgamento de gramaticalidade das sentenças apresentadas sempre envolvendo sintagmas posposicionais.

A utilização do dado negativo teve como objetivo saber quais estruturas seriam possíveis na língua assim como identificar, também, aquelas que não poderiam ocorrer. Segundo Oliveira (2007), esse método é de grande valia, pois a

partir da intuição linguística que todo sujeito falante tem de sua língua é possível elaborar regras de funcionamento linguístico. No que se refere à categorização dos dados, agrupamos, de um lado, sentenças com PPs adjuntos e, de outro, orações com verbos triargumentais.

Do ponto de vista teórico, trabalhamos com a perspectiva teórica da sintaxe gerativa nos Moldes da Teoria da regência e ligação, tendo como referência os trabalhos de Carnie *et al.* (2014), Carnie (2006) e Haegeman (1994).

### **I.III Organização da dissertação**

Para chegar ao objetivo aqui proposto, essa dissertação está dividida em quatro capítulos. No capítulo 1, descrevemos alguns aspectos étnicos do povo Wapixana e apresentamos algumas características da língua. O capítulo 2 traça um panorama geral sobre a classe das adposições e tem por objetivo apresentar as características mais gerais dessas formas nas línguas naturais.

O capítulo 3, de caráter mais específico, trata da abordagem teórica utilizada neste trabalho trazendo uma discussão sobre aspectos sintáticos e semânticos da classe das adposições. Para tanto, trabalhamos sob o ponto de vista formal, de acordo com os pressupostos da Sintaxe Gerativa mais especificamente segundo o modelo da Teoria da Regência e Ligação (GB). Essa exposição é utilizada como marco teórico antes de partirmos para o capítulo dedicado à análise das posposições da língua.

O quarto capítulo é voltado para a análise do *corpus* de pesquisa, levando em consideração os procedimentos metodológicos e a teoria por nós adotados.

## Capítulo 1 – A LÍNGUA WAPIXANA: ASPECTOS ÉTNICOS E LINGUÍSTICOS

### Introdução

O presente capítulo está dividido em duas partes: a primeira se encontra na seção 1.1 e tem como objetivo descrever alguns aspectos étnicos gerais do povo Wapixana. Nessa seção, apresentamos de modo breve o povo, trazendo alguns dados sobre a sua população e localização geográfica.

A segunda parte do capítulo tem início na seção 1.2. Nosso objetivo é apresentar aspectos linguísticos gerais em Wapixana. Essa seção está dividida em quatro subseções que tratam de temas relacionados à estrutura dessa língua. A subseção 1.2.1 traz informações sobre a classificação genética da língua Wapixana. Em seguida, a subseção 1.2.2 exhibe algumas propriedades da morfologia do Wapixana com ênfase nos aspectos da classe dos elementos nominais nessa língua.

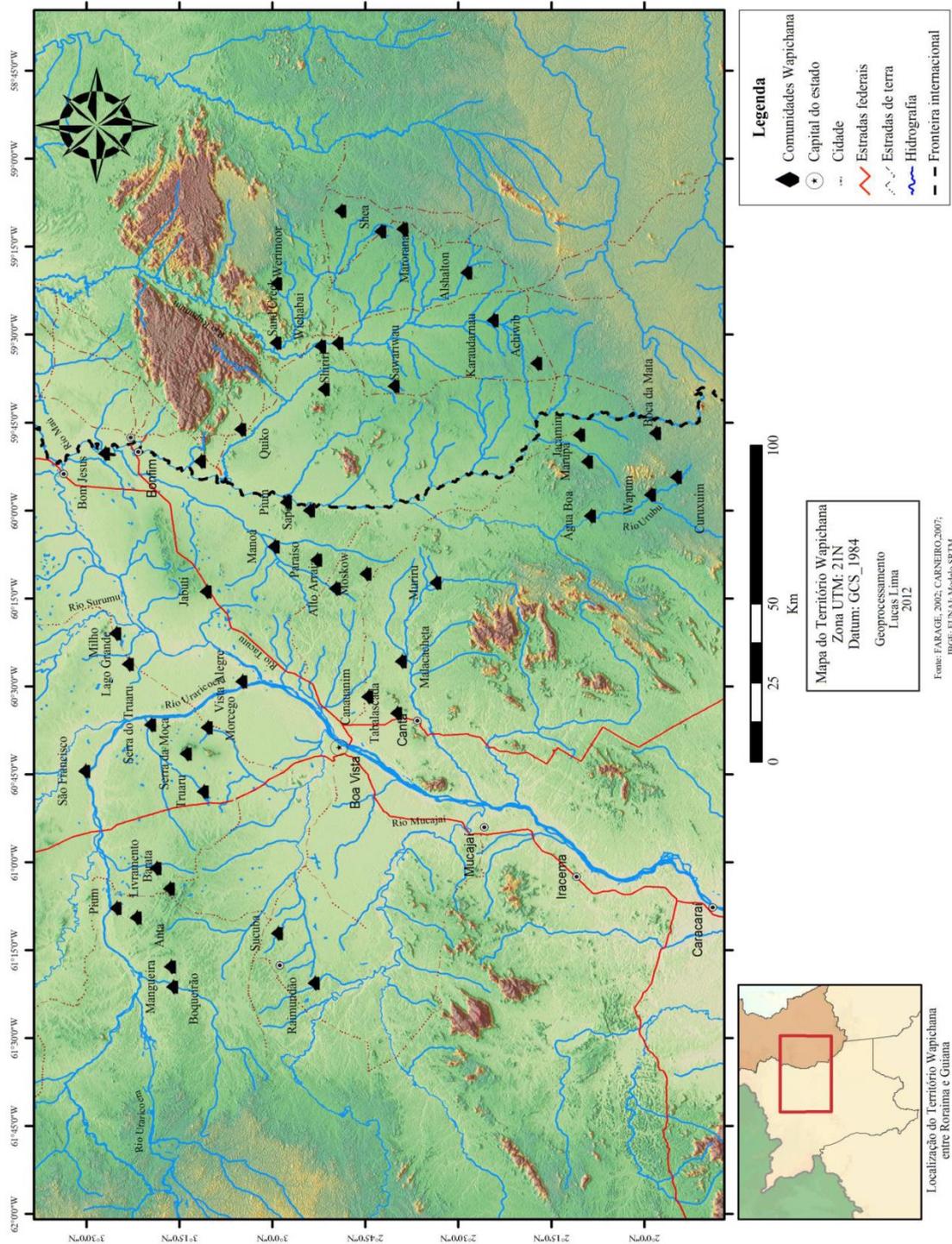
Em 1.2.3 são trabalhados aspectos sintáticos, tais como: a ordem dos constituintes e o sistema de marcação casual.

Finalizando o capítulo, a subseção 1.2.4 apresenta algumas notas sobre a diferença entre formas presas ligadas a verbos (morfemas posposicionais) e a classe de posposições.

### 1.1 O Povo Wapixana: População e localização geográfica

De acordo com Migliazza (*apud* SANTOS,1995), o termo Wapixana é usado no Brasil e na República Cooperativista da Guiana para designar os sujeitos falantes de dois dialetos mutuamente inteligíveis que são o Wapixana e o Atoarí. A população atual do povo Wapixana, segundo dados do censo demográfico do IBGE (2010), corresponde a um total de oito mil cento e trinta e três (8133) indivíduos residentes no estado de Roraima. Já os dados do Instituto Socioambiental apontam que a população dessa etnia é composta por nove (9) mil habitantes em território roraimense. O Instituto informa, ainda, que existem cerca de seis (6) mil Wapixana vivendo no lado guianense da fronteira.

O povo Wapixana habita a extensão de campos e savanas, localmente denominada de “lavrado”, que abrange desde o Vale do Rio Uraricoera no Brasil até o Vale do Rio Rupununi na República Cooperativista da Guiana. O mapa a seguir apresenta a distribuição geográfica das comunidades no Brasil e na Guiana.



Fonte: Farage (2002); Carneiro (2007); Fragoso (2011); IBGE; FUNAI; Oliveira (2012)

Ainda a respeito da localização geográfica, Maia (2014) relata que os Wapixana estão dispersos em três diferentes regiões: a primeira é a área Surumu-Cotingo formada por três comunidades situadas entre as comunidades Macuxi. A segunda grande região é a área Taiano-Amajarí, constituída por treze (13) comunidades localizadas às margens dos rios Uraricoera, Amajarí e Parimé. E a terceira grande área é a Serra da lua Rupununi situada no lado guianense. Ao todo existem trinta e cinco (35) comunidades, sendo que há vinte e seis (26) no estado de Roraima e nove (9) comunidades dentro do território guianense.

O povo Wapixana demonstra muito interesse no que se refere às questões de preservação e ensino da sua língua. Nunes (2016) explica que as comunidades em questão têm se unido com o objetivo de formar professores de língua materna nas escolas das comunidades. Em prol dessa meta, vem sendo realizados encontros e oficinas com professores das comunidades para estudar questões de funcionamento da língua e ensino:

Nas oficinas, os professores das mais diversas comunidades têm a oportunidade de realizar tanto atividades de estudo do funcionamento da língua quanto de estratégias para organizar um programa de ensino e, ainda, metodologias a serem aplicadas na sala de aula. É um projeto como deveriam ser todos os cursos de formação de professores: com foco no desenvolvimento das habilidades e competências não só teóricas como também práticas, necessárias ao trabalho docente. (NUNES, 2016, p.30)

Na seção seguinte, discutimos alguns aspectos linguísticos gerais em Wapixana, a saber: classificação genética, aspectos da morfologia com foco nos elementos nominais, aspectos sintáticos como a ordem dos constituintes e sistema de marcação casual e por fim, notas sobre a categoria verbo.

## 1.2 A língua Wapixana

### 1.2.1 Classificação genética

De acordo com Rodrigues (2002), as línguas da família Aruák recebem esse nome por compartilharem semelhanças com a língua Aruák. Essa língua, segundo o autor, é falada na costa guianesa da América do Sul na região que compreende a Venezuela, a Guiana, o Suriname e a Guiana Francesa. Ela também é falada em algumas ilhas das Antilhas.

Aikhenvald (1999) explica que a família Aruák é formada por quarenta (40) línguas vivas dispersas em quatro países da América Central: Belize, Honduras, Guatemala, Nicarágua, e oito países da América do Sul: Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru e Brasil.

No Brasil, dados de Rodrigues (2002) revelam a existência de cerca de vinte (20) línguas integrantes da família Aruák. Tais línguas estão espalhadas pela região que vai do noroeste da Amazônia até o Mato Grosso do Sul. A tabela a seguir apresenta as línguas da família Aruák atualmente faladas no Brasil:

Línguas Aruák	Estado
Apurinã (Ipurinã)	AC, AM
Baníwa do Içana	AM
Baré	AM
Kámpa <sup>2</sup>	AC
Mandawáka	AM
Mehináku	MT
Palikúr	AP
Paresí (Halití)	MT
Manitenéri	AC

<sup>2</sup> Nome de um subgrupo da família Aruák, composto de ao menos seis línguas: Matsigenka, Nomatsigenka, Kakite, Nanti, Ashémica e Ashánika. Os falantes desse subgrupo presentes no Brasil são falantes do Ashénica.

Maxinéri	AC
Enawenê-nawê (Salumã)	MT
Tariána (Taliáseri)	AM
Yuruparí-tapúya (Íyemi)	AM
Teréna (Teréno)	MS, SP
Wapixána	RR
Warekéna (Werekena)	AM
Waurá	MT
Yabaána	AM
Yawalapití	MT

Tabela 1 - Línguas da família Aruák atualmente faladas no Brasil: Rodrigues (2002, p. 72, adaptado)

A organização da família Aruák ocorreu a partir da análise de critérios linguísticos comuns a essas línguas. Rodrigues (2002) apresenta um quadro com palavras de algumas línguas da família Aruák faladas no Brasil:

	<i>Língua</i>	<i>Água</i>	<i>Sol</i>	<i>Mão</i>
Karútana	Inene	Uni	Kamui	Kapi
Warekena	Inene	One	Kamoi	Kapi
Tariana	Enene	Uni	Kamoi	Kapi
Baré	Nenê	Uni	Kamuhu	Kabi
Mandawáka	Nenê	Uni	Gamoui	Kahi
Palikur	Nenê	Une	Kamoi	(iwakti)
Wapixana	Nenuba	Wene	Kamoo	Kae

Tabela 2 - Palavras da família Aruák que possuem semelhanças: Rodrigues (2002, p. 69, adaptado)

A respeito do quadro acima, o linguista considera que a amostra de palavras ainda que pequena, deixa claro que as regulares semelhanças no léxico dessas línguas podem indicar um possível ancestral comum a elas. Segundo Dixon & Aikhenvald, (1999), a primeira tentativa de reconstrução de uma parte do vocabulário proto-Aruák é de Payne (1991) com duzentas e três (203) palavras.

Entretanto, os autores alertam que a reconstrução e a classificação do proto-Arawák ainda está em debate necessitando de mais trabalhos descritivos e comparativos entre essas línguas.

A seguir apresentaremos uma análise geral do Wapixana, trazendo algumas considerações gerais sobre seus aspectos morfológicos e sintáticos.

### 1.2.2 Aspectos morfológicos da língua Wapixana

O Wapixana é considerada uma língua polissintética, pois há justaposição de morfemas à raiz verbal formando vocábulos complexos, comumente chamados de vocábulo-frase. Nesse tipo de estrutura, cada morfe preserva sua identidade semântica e mórfica. Nessas línguas há um grande uso de afixos e raízes que se incorporam a outras raízes de maneira que o vocábulo exprime o significado de uma frase.

- (1) a. **pi-za<sub>kap</sub>-a-n**  
2-roça-EP-POSS  
'tua roça'.

(Santos, 2006, p. 101)

- b. **ũ-maku-n**  
1-ir-MI  
'eu vou'.

(Santos, 2006, p.157)

Nos exemplos acima, vemos prefixos pronominais marcadores de pessoa incorporados a elementos lexicais. Em (1a) o prefixo pronominal *pi-* marcador de segunda pessoa do singular funciona como o elemento possuidor ocorrendo afixado ao nome possuído *za<sub>kap</sub>* 'roça'. Além disso, essa construção é formada pela adição da vogal epentética *-a-* e, na sequência, o morfema *-n* que marca o objeto possuído. Já em (1b), o prefixo *ũ-* que indica a primeira pessoa do singular é

afixado à raiz verbal *maku* ‘ir’, e, a essa raiz é acrescentado o sufixo *-n* que traz a informação gramatical de modo indicativo.

Segundo Comrie (1989), as línguas polissintéticas combinam um grande número de morfemas lexicais ou gramaticais em uma única palavra. Vimos pelos exemplos acima que essas características estão presentes na estrutura da língua Wapixana.

Outra característica morfológica interessante dessa língua é o seu rico sistema nominal. Em consonância com Santos (2006), uma primeira grande divisão dos nomes em Wapixana pode ser feita tendo como base a categoria de posse, pois há um tratamento diferente para os nomes alienáveis e os inalienáveis.

Assim como em outras línguas da família Aruák, o Wapixana exibe uma diferença morfológica entre esses termos. De acordo com Aikhenvald (2012), nomes inalienáveis são aqueles obrigatoriamente possuídos e fazem referência a partes do corpo, termos de parentesco entre outros. Enquanto que os alienáveis não são obrigatoriamente possuídos. A marcação morfológica de posse ocorre em Wapixana somente se o nome for alienável. Tal marcação morfológica não ocorre em nomes inalienáveis, nesse caso, a relação de posse é expressa apenas pela posição entre os termos:

- (2)
- a. Daunaiur zakap-a-n  
homem roça-EP-POSS  
‘roça do homem’.
  - b. Daunaiur bairi  
homem flecha  
‘flecha do homem’.
  - c. Daunaiur bayat-a-n-nii                      bairi-i                      tym  
homem caçar-EP-MI-NPRES flecha-NPOSS POSP  
‘O homem vai caçar com flecha’

Em (2a) o constituinte alienavelmente possuído *zakap* ‘roça’ recebe o sufixo marcador de posse *-n* enquanto o outro constituinte apontado como possuidor *daunaiur* ‘homem’ não apresenta essa marca. Já em (2b), o nome inalienavelmente

possuído *bairi* ‘flecha’ não apresenta nenhuma marcação. Nesse caso a relação de posse é expressa apenas pela posição entre os termos, assim na construção *daunaiur bairi* ‘flecha do homem’ o objeto possuído *bairi* ocorre imediatamente após o elemento possuidor *daunaiur*.

Além disso, quando o possuidor é explícito há a ausência da marca de não possuído, como observado em (2b), *daunaiur bairi* ‘flecha do homem’, entretanto quando o possuidor não é explícito ocorre a marcação no nome inalienável. Como observado na sentença (2c), nesse exemplo não há uma construção possessiva, logo, não há um possuidor explícito, por esse motivo *bairi-i* apresenta o sufixo marcador de não-possuído *-i*.

Neste trabalho nos limitamos a apresentar essa breve explicação sobre as construções possessivas em Wapixana, isto porque a discussão acerca da divisão nominal com base na categoria de posse em Wapixana é ampla e tal discussão fugiria aos nossos objetivos.

Outro aspecto particular da morfologia da língua, que aqui também abordaremos de modo breve, diz respeito aos sistemas de termos de classe e de classificadores nessa língua. Sobre a diferença entre esses elementos, Grinevald (2000) explica que termos de classe são morfemas que atuam na geração do léxico de uma língua enquanto que classificadores constituem sistemas de categorização nominal de origem lexical que são usados em específicas construções morfossintáticas. Santos (2006, p. 116) faz uma análise das semelhanças e diferenças entre um termo de classe e classificadores em Wapixana.

- (3) a. *maba-dap*  
Abelha-TCL: habitação  
‘casa de abelha’.
- b. *ũgaɽi-dap*  
1 CL: habitação  
‘minha casa’.

(Santos, 2006, p, 116)

Segundo o autor, a forma *-dap* em (3a) constitui um termo de classe, enquanto que *dap* em (3b) se trata de um classificador. A explicação apresentada é que ambas as formas compartilham a propriedade de possuir uma origem lexical em comum além de, também, apresentarem um mesmo posicionamento. Entretanto, no primeiro exemplo *-dap* é considerado termo de classe tendo em vista que atua sistematicamente na geração de novas palavras. Diferentemente, em (3b), observamos que essa forma não exhibe esse requisito que é obrigatório para os elementos que compõem os termos de classe. O autor explica, ainda, que *dap* em (3b) está em um ambiente morfossintático de uma construção possessiva *ũgaṛi dap* ‘minha casa’; dessa forma temos outro argumento a favor da hipótese de que não se trata de um termo de classe e sim de um classificador.

Grinevald (2000), tendo como base o critério morfossintático, enumera quatro tipos de classificadores: numeral, nominal, genitivo e verbal.

A autora define classificadores numerais como morfemas que ocorrem em contexto de quantificação e esses elementos podem ser formas livres ou presas. Em relação ao segundo tipo, Grinevald (*op. cit.*) explica que classificadores nominais são morfemas livres inseridos em um sintagma nominal próximo ao próprio nome ou dentro dos limites do sintagma nominal com outros determinantes. Sobre classificadores genitivos, ela relata que essas formas surgem normalmente presas à marca de possuidor e classificam semanticamente o elemento possuído.

Por último a autora argumenta que diferentemente dos outros tipos de classificadores que ocorrem dentro de sintagmas nominais, o classificador verbal ocorre no interior do próprio verbo, classificando um de seus argumentos.

De acordo com Santos (2006), o Wapixana apresenta três tipos de classificadores que são: o numeral, o genitivo e o verbal, e apresenta uma amostra desses elementos nessa língua:

CLASSIFICADOR	SIGNIFICADO	CATEGORIA
ap	‘extensão’	forma
(a)ṛa	‘falado’	material

b(iʔ)	‘massa’	consistência
ɖa	‘redondo’	forma
ɖap	‘habitação’	funcional
iz̥i(z)	‘não discreto’	consistência
puna:	‘extensão’	forma
ʃimək	‘flexível’	consistência
z̥im	‘fogo’	funcional
ʔ(i)	‘partitivo, parte de’	quantidade

Tabela 3 - Classificadores em Wapixana (Santos, 2006, p.130)

Limitamos-nos a expor brevemente, nesta subseção, determinadas propriedades do nome em Wapixana, haja vista seu rico e complexo sistema nominal. Para tanto abordamos suas seguintes subclasses: a divisão nominal com base na categoria de posse, termos de classe e os classificadores. A discussão acerca da classificação nominal ainda está em aberto, necessitando de novas investigações para descrição ampliada dessas formas na língua. A estrutura do elemento verbal será trabalhada na subseção 1.2.3 em que discutiremos as diferenças entre morfemas posposicionais (formas presas relacionadas ao verbo) e as posposições (classe de palavras).

### 1.2.3 Aspectos sintáticos da língua Wapixana

Antes de tecer algumas considerações acerca da tipologia sintática da língua Wapixana, é importante trazer brevemente os conceitos existentes na literatura sobre tipologia linguística, bem como citar os trabalhos mais relevantes dessa área. Croft (1990, 2003 *apud* PIZZIO, 2011) esclarece que o termo *tipologia* possui diferentes usos na Linguística e fora dela é considerado sinônimo de classificação ou taxionomia de fenômenos em tipos com foco de análise em sua estrutura.

Conforme Croft (*op.cit.*), encontramos na literatura, pelo menos, três grandes abordagens referentes à definição de tipologia.

A primeira (e considerada a mais modesta) é referente a classificação estrutural entre línguas distintas. Seu método consiste na classificação linguística a partir da observação empírica das estruturas. Nessa abordagem, a língua é classificada como pertencente a um único tipo.

A segunda definição de tipologia diz respeito ao estudo de padrões linguísticos observados nas línguas. A definição tipológica, neste caso, gira em torno da generalização dos tipos linguísticos, na busca de universais.

A última definição do termo tipologia é a que representa um aparato teórico para o estudo das línguas em contraste com outras escolas como o estruturalismo americano e a gramática gerativa. Nessa visão a tipologia é relacionada ao funcionalismo, corrente que busca explicar os fenômenos linguísticos a partir de aspectos funcionais das línguas.

Nas palavras de Pizzio (2011), as três definições do termo tipologia correspondem a três fases de uma análise científica para o estudo das línguas:

Classificação tipológica representa a observação de um fenômeno empírico e a classificação do que é observado. Generalização tipológica – universais linguísticos – é a formação de generalizações sobre nossas observações. E a abordagem tipológica funcional constrói explicações das generalizações sobre o que nós observamos. Neste sentido, tipologia representa uma abordagem científica empírica para o estudo da língua. (PIZZIO, 2011, p. 91)

A partir dessa breve contextualização, abordaremos agora de modo mais específico alguns aspectos da tipologia Greenberguiana e a sua implicação na análise do sintagma posposicional em Wapixana.

De acordo com Cohen (1995), Greenberg, a partir de uma amostra de trinta (30) línguas escolhidas por critérios genéticos e geográficos, classificou as línguas do mundo em tipos com base na ordem de palavras em sentenças declarativas.

A análise consistiu na observação do posicionamento do Sujeito, Verbo e Objeto, preposições e posposições, ordenação entre nome em relação a adjetivos e também a posição do nome em relação ao genitivo. Tal análise fez com que Greenberg chegasse a uma lista de quarenta e cinco (45) universais linguísticos (Pires, 2010).

A língua Wapixana, de acordo com Santos (2006), exibe a ordenação SVO em sentenças transitivas e SV em orações intransitivas, apresentando assim uma tipologia VO. Além disso, essa língua possui sistema de posposição em vez de preposição:

- (4)        Daunaiur maku-n-nii    zakap iti  
               homem    ir-MI-NPRES roça POSP  
               ‘O homem vai para a roça’.

No exemplo acima, a posposição *iti* surge logo após elemento nominal *zakap* ‘roça’ atribuindo a ele o papel semântico de destino. Fica claro que essa língua emprega posposições e não preposições, fato este que contraria o universal 3 de Greenberg que diz que línguas VSO possuem sempre sistema de preposição. “Portanto, contrariando a tendência geral, o Wapixana, que é uma língua VO, emprega posposições e não preposições.” (SANTOS, 2006, p. 222)

Em uma análise tipológica sobre posposições de línguas indígenas brasileiras, Pires (2010) observa que na língua Wapixana não existe uma relação sincrética entre comitativos e instrumentais, uma vez que essa língua exibe posposições distintas para os dois casos, em que a forma *tym* corresponde ao comitativo e *idi* marca o instrumental:

- (5)    a.    Zyn    kaaw-a-n    **kuraidiaunaa tym** (comitativo)  
               Mulher chegar-EP-MI criança    POSP  
               ‘A mulher chegou com a criança’.
- b.    Daunaiur ziup-a-n    zakap **sampa idi** (instrumental)  
               Homem capinar-EP-MI roça enxada POSP  
               ‘O homem capina a roça com a enxada’.

Com isto, Pires conclui que o Wapixana contraria o universal de Lakoff-Johnson, o qual afirma, que com raras exceções, a forma que indica companhia também indica instrumentalidade. O não sincretismo entre os casos Comitativo e

instrumental também pode ser observado em outras línguas, como, por exemplo, o japonês<sup>3</sup> que assim como o Wapixana também exhibe posposições.

Em um artigo sobre a ordem dos constituintes na língua Wapixana, Lanes (2014) faz uma análise com dados de construções envolvendo adjetivos, genitivo e adposições. Com referência às construções adjetivais, o autor observou a prevalência da ordem Nome/Adjetivo:

- (6) Auru'u zyn [idib<sub>NOME</sub> Kunaynama'a<sub>ADJETIVO</sub>]  
 Aquela mulher nariz bonito  
 'Aquela mulher tem nariz bonito'.

(Lanes, 2014, p.95. adaptado)

No exemplo acima, o nome *idib* 'nariz' antecede o adjetivo *Kunaynama'a* 'bonito' estabelecendo a ordem básica Nome/Adjetivo estando assim de acordo com línguas do tipo SVO (núcleo inicial) que é o caso do Wapixana. Já para construções genitivas envolvendo posse e construções com adposições a ordem é inversa, característica essa típica de línguas SOV (núcleo final).

- (7) [Daunaiur<sub>GENITIVO</sub> baru-n<sub>NOME</sub>]  
 Homem machado-POSS  
 'Machado do homem'.
- (8) Daunair maku-n-nii [dunuii<sub>NOME</sub> iti<sub>POSPOSIÇÃO</sub>]  
 Homem ir-MI-NPRES cidade POSP  
 'O homem vai para a cidade'.

Em (7) vemos um exemplo de uma construção possessiva em Wapixana na qual o genitivo *daunaiur* 'homem' antecede *barun* 'machado' formando a ordem Genitivo/Nome. Na sentença (8) *dunuii* 'cidade' antecede a posposição *iti* 'para' mantendo a ordem Nome/Posposição. Como já dito anteriormente, tais construções são padrões de línguas com núcleos finais.

Em conformidade com Santos (2006, p. 213), afirmamos que Wapixana

<sup>3</sup> Em um trabalho sobre posposições em Japonês, Lemos (2007) observa que essa língua contraria o sincretismo comitativo-instrumental de Lakoff e Johnson: "O japonês não é coerente com essa metáfora: *companhia* é marcada exclusivamente com a posposição TO, e o instrumento, com DE, também exclusivamente." (LEMOS, 2007, p 35)

apresenta o sistema de marcação de caso nominativo-acusativo. O autor reitera, ainda, que a codificação das funções sintáticas acontece por meio da ordem dos constituintes e dos marcadores de concordância. Comrie (1989, p. 126) assim como Dixon (1994, p.9) esclarecem que o sistema nominativo-acusativo é aquele em que S (sujeito da oração intransitiva) recebe o mesmo tratamento que A (sujeito da oração transitiva) e uma marcação diferente para O (objeto da oração transitiva).

(9) Zyn-nau kunayp-a-n (Oração intransitiva)  
 (S) (V)  
 Menina-PL dançar-EP-MI  
 ‘As meninas dançam’.

(10) Zyn-nau nik-e-n maziki (Oração transitiva)  
 (A) (V) (O)  
 Menina-PL comer-EP-MI milho  
 ‘As meninas comem milho’.

Nos exemplos acima verificamos que de fato a língua emprega uma mesma marcação sintática para o sujeito da intransitiva em (9) e da transitiva em (10) *Zynnau* ‘meninas’, contrastando-os com o objeto direto da transitiva *maziki* ‘milho’ em (10). Apesar da ordem básica dos constituintes em Wapixana ser SVO, há situações em que motivações de natureza pragmática podem alterar a ordem desses elementos:

(11) Maziki, zyn-nau nik-e-n  
 (O) (A) (V)  
 Milho menina-PL comer-EP-MI  
 ‘O Milho, as meninas comem’.

De acordo com Negrão *et al.* (2011), as sentenças das línguas naturais obedecem a uma estruturação hierárquica de seus constituintes e uma evidência disso é a possibilidade de distribuição dos sintagmas em diferentes posições na sentença. Em (11), o objeto *maziki* ‘milho’ surge deslocado ocupando uma posição

de Tópico na sentença. Ainda segundo as autoras, a topicalização<sup>4</sup> consiste no deslocamento de um constituinte para a posição inicial da sentença, a fim de obter certos efeitos discursivos.

Antes de finalizar esse capítulo, realizaremos uma breve apresentação sobre a estrutura do verbo em Wapixana, observando diferenças entre morfemas pospostos que são elementos de natureza verbal e a classe das posposições.

#### 1.2.4 Morfemas verbais e a classe das posposições

Segundo Santos (2006), a língua Wapixana apresenta dois tipos principais de verbos: os transitivos e os intransitivos além do existencial *kainha'a*.

Do ponto de vista da sintaxe gerativa, o verbo transitivo é aquele que exige para sua realização dois argumentos: o interno e o externo. Há ainda verbos triargumentais, que possuem na sua configuração um argumento externo e dois internos.

- (12) a. [Yryy<sub>AE</sub>] zuich-a-n [arimeraka<sub>AI</sub>]  
 3sgM bater-EP-MI cachorro  
 'Ele bate no cachorro'.
- b. [Daunaiur<sub>AE</sub>] t-a-n [parakari<sub>AI</sub>] [yryy<sub>AI</sub> at]  
 Homem dar-EP-MI caxiri 3sgM POSP  
 'O homem dá o caxiri para ele'.

Em (12a) temos uma sentença transitiva com dois argumentos; o externo *yryy* 'ele' e o argumento interno *arimeraka* 'cachorro'. Já (12b) apresenta uma estrutura triargumental, em que além do argumento externo *daunaiur* existem dois argumentos internos. O primeiro é *parakari* 'caxiri' e o segundo *yryy* 'ele' que é

<sup>4</sup> Para um estudo específico sobre Tópico, vide Quarezemin 2012, "Foco e Tópico nas línguas naturais in As interfaces da Gramática, vol. I / Ronald Taveira da Cruz (org.) 1.Ed. – Curitiba, PR; CRV, 2012.

seguido por uma posposição.

Verbos intransitivos, por seu turno, são aqueles que apresentam apenas um argumento na sua estrutura. Conforme Carnie (2006), esses verbos são ainda subdivididos em *inacusativos* e *inergativos* e o primeiro é referente aos verbos que selecionam apenas um argumento interno enquanto que o segundo grupo é formado por verbos que selecionam apenas o argumento externo.

- (13) a. [kuraidiaunaa<sub>AE</sub>] niut-a-n-nii  
 Criança nadar-EP-MI-NPRES  
 ‘A criança vai nadar’.
- b. [kuraidiaunaa<sub>AI</sub>] kaaw-a-n-nii  
 Criança chegar-EP-MI-NPRES  
 ‘A criança vai chegar’.

Na sentença (13a), o verbo inergativo *niutan* ‘nadar’ seleciona o argumento externo *kuraidiaunaa* ‘criança’. Nesse tipo de construção, o verbo exige que seu argumento tenha um traço semântico [+agentivo/+causativo]. Em contrapartida, o verbo inacusativo *kaawan* ‘chegar’ seleciona o argumento interno *kuraidiaunaa*, ‘criança’ que deve exibir um papel semântico com o traço [+tema].

Carnie (*op. cit.*) explica que verbos inacusativos não são capazes de atribuir o caso acusativo ao seu argumento interno. Esse complemento é alçado à posição de sujeito da sentença onde recebe Caso da flexão T. Ainda sobre as diferenças entre esses verbos, o autor esclarece que verbos inergativos podem opcionalmente tomar um objeto, enquanto que verbos inacusativos não possuem essa propriedade, uma vez que o sujeito da sentença é o objeto subjacente do verbo.

- (13) a'. [kuraidiaunaa<sub>AE</sub>] niut-a-n-nii ywa'uz  
 Criança nada-EP-MI-NPRES rio  
 ‘A criança vai nadar o rio’.

- b'. \*[kuraidiuanaa<sub>AI</sub>] kaaw-a-n-nii tarara  
 Criança chegar-EP-MI-NPRES carro  
 ‘\*A criança vai chegar o carro’.

A agramaticalidade em (13b') ocorre porque o verbo inacusativo *kaawan* ‘chegar’ já possui o seu objeto *kuraidiuanaa* ‘criança’ que foi alçado para posição de sujeito da sentença.

Em relação à estrutura morfológica do verbo, Santos (2006, p. 157) esclarece que ela pode apresentar uma das duas formas a seguir: i. Raiz verbal+afixo flexional ou ii. Base não-verbal + verbalizador ou morfema termo de classe+ afixo flexional.

- (14) a. ã-maku-n  
 1- ir- MI  
 ‘eu vou; eu fui’.
- b. u-bifua-ɖ-a-n  
 3F-doce-VR-EP-MI  
 ‘ela adoçou a água’.

Os exemplos acima extraídos de Santos (*op. cit* p. 157) apresentam as estruturas do verbo em Wapixana. Em (14a) temos a base verbal *maku* ‘ir’ acrescida de um prefixo marcador de primeira pessoa do singular *ã-* ‘eu’ e a estrutura conta ainda com um sufixo que indica o tempo e modo *-n*. Em (14b) a base não-verbal *bifua-* ‘doce’ é seguida de um morfema verbalizador *-ɖ-* formando um elemento verbal. A esta forma são acrescentados os afixos flexionais *u-* ‘ela’ e *-n* (modo indicativo).

Ainda em conformidade com Santos (*op.cit.*), falando mais especificamente sobre o tempo verbal nessa língua, o autor explica que as categorias de tempo e modo em Wapixana aparentemente funcionam de forma integrada. O modo imperativo não apresenta nenhuma marca, já o futuro apresenta marcas no modo indicativo e também no não-presente, enquanto que o passado - apresenta uma marcação para o não-presente e não exibe marca para o modo indicativo. Existem

apenas dois morfemas; o *-n* que representa o modo indicativo e o *-nii* que marca o não presente. Há ainda a realização do morfema *-naa* que ocorre na forma imperativa em construções do presente, passado e futuro.

- (15) a.    *pi-tiz*            *paṛakaṛi*  
           2-bebes-IMP    *caxiri*  
                           ‘bebe *caxiri*’.
- b.    *pi-tiz-a-n*        *paṛakaṛi*  
           2-beber-EP-MI    *caxiri*  
                           ‘tu bebes *caxiri*’.
- c.    *pi-tiz-ni:*         *paṛakaṛi*  
           2-beber-NPRES    *caxiri*  
                           ‘tu bebeste *caxiri*’.
- d.    *pi-tiz-a-n-ni:*        *paṛakaṛi*  
           2-beber-EP-MI-NPRES    *caxiri*  
                           ‘tu beberás *caxiri*’.

Os exemplos em (15) extraídos de Santos (op. cit., p. 162-163) apresentam um paradigma verbal. Na sentença (15a), a ausência de morfema temporal marca o modo imperativo enquanto que em (15b) o morfema *-n* marca o presente no modo indicativo, em (15c) a marca *-ni:* apresenta o emprego do tempo passado. Por último, em (15d) o tempo futuro é formado pelo morfema *-n* que marca o modo indicativo e o *-ni:* que representa o não-presente. Há ainda o morfema *-naa* ocorrendo na forma imperativa em construções imediatas do presente passado e futuro:

- (16) a. auna pi-tiʔiq-a-**na:**  
NEG 2-esticar-EP-IMM  
'não estica'.
- b. i-tiz-p-a-n-**na:**  
3M-beber-CONT-EP-MI-IMM  
'ele já está bebendo'.
- c. i-tiz-ni:-**na:**  
3M-beber-EP-MI-IMM  
'ele já bebeu'.
- d. i-tiz-a-ni:-**na:**  
3M-beber-EP-MI-NPRES-IMM  
'ele já vai beber'.

Os exemplos em (16) de Santos (op. cit., p. 162) mostram o emprego do morfema *-na:* ocorrendo em construções imediatas no presente (16a) e (16b), no passado (16c) e no futuro (16d). Em suma temos os seguintes morfemas verbais marcadores morfológicos de tempo e modo:

Morfemas	Tempo/modo
∅ (morfema zero)	Imperativo
-n	Presente/Indicativo
-nii	Passado
-naa	Imediato/imperativo
-n + -nii	Futuro

Tabela 4 - Marcadores morfológicos de tempo e modo em Wapixana

Como vimos, essas formas compõem a estrutura do verbo e não podem assim ser confundidas com a classe das adposições e como já sabemos, em Wapixana são formas pospostas a elementos nominais.

Segundo Dryer (2007,81-82), casos prototípicos de adposições são palavras que se combinam com sintagmas nominais indicando uma relação semântica desse sintagma nominal com um verbo.

- (17) Yryy<sub>AE</sub> chiut-a-n-nii dynaii<sub>AI</sub> [marii **idi** *Adjunto*]  
 3sgM cortar-EP-MI-NPRES carne faca POSP  
 ‘Ele cortará a carne com a faca’.

Em (17) o verbo *chiutan nii* ‘cortará’ exige dois argumentos: o externo *Yryy* ‘ele’ e o interno *dynaii* ‘carne’. O sintagma posposicional *marii idi* ‘com a faca’ acrescenta uma informação semântica adicional à sentença. Neste caso o instrumento com que foi realizada a ação de cortar. De fato verificamos a relação desse sintagma nominal com o verbo da sentença.

Todavia, como o autor frisou, indicar relações semânticas entre sintagmas nominais e o verbo dentro de uma sentença é uma função prototípica das adposições. Além do nível da sentença, estes elementos também indicam relações entre sintagmas nominais, por exemplo. O importante aqui é destacar que posposições não devem ser confundidas com os morfemas marcadores de tempo, uma vez que tais morfemas estão intrinsecamente ligados a verbos e não apresentam nenhuma relação com a classe das adposições.

O capítulo seguinte traça um panorama geral sobre a classe das adposições. Nosso objetivo é discutir as características mais gerais dessas formas nas línguas naturais.

## Capítulo 2- A CLASSE DAS ADPOSIÇÕES: DEFINIÇÕES GERAIS

### Introdução

Este capítulo visa traçar um panorama geral sobre a classe das adposições. Nosso objetivo é discutir as características linguísticas mais gerais dessas formas nas línguas naturais. A seção 2.1 faz um apanhado geral acerca das definições gerais e classificação na literatura a respeito dessa classe de palavras.

Na seção 2.2, apresentaremos, brevemente, aspectos morfológicos desses elementos linguísticos. E em 2.2.3, finalizamos a seção debatendo algumas características morfossintáticas das posposições em Wapixana.

### 2.1 Definições gerais e classificação

Esta seção visa discutir alguns conceitos clássicos na literatura acerca das adposições nas línguas naturais com foco na estrutura desses elementos. Vale ressaltar, novamente, que a maioria das línguas analisadas são línguas preposicionais como o português, o italiano, o inglês etc. Nossa proposta no decorrer deste trabalho é verificar se tais definições também dão conta de abarcar o funcionamento desses elementos em uma língua com sistema de posposição.

Rosa (2013) apresenta a definição de preposições e posposições nas línguas naturais como elementos que respectivamente antecedem e sucedem um complemento que, por sua vez, podem ser “um nome, pronome, SN ou oração que funciona como SN e em conjunto com o complemento expressam sua relação com outra unidade na oração” (ROSA, 2013, p.113). Apesar da visão não reducionista dessa classe de palavras, a autora não explicita por meio de exemplos o funcionamento dessas formas em diferentes línguas.

Lyons (1987), em uma análise acerca dos componentes que formam as partes dos discursos (substantivo, verbo, preposição etc.), chama a atenção à rica heterogeneidade na composição de tais formas nas línguas naturais e tece uma crítica à própria definição desses elementos que muitas vezes apresenta deficiências, demonstrando incoerências quando aplicada a um número maior de

línguas. Exemplo disto é que a maioria das definições a respeito do desempenho dessas formas nas línguas é influenciada pelos traços gramaticais do grego e do latim. Todavia, conforme o autor, estão longe de ser traços universais.

A língua Wapixana, por exemplo, apresenta sistema de posposição. Conforme Santos (2006), além da posposição suceder um elemento nominal, é comum que estes elementos apareçam numa sentença articulando-se com marcadores de pessoa:

- (1) a. *zɪn t-a-n paʔakaʔi ɖaunaiuʔ at*  
 Mulher dar-EP-MI caxiri homem RECP  
 ‘A mulher deu caxiri ao homem’.

(Santos, 2006, p. 241)

- b. *ũgaʔi t-a-n-ni: sumaʔa pi-ʔ- at*  
 1 dar-EP-NPRES arco 2-?- RECP  
 ‘Eu vou dar um arco a ti’.

(Santos, 2006, p. 202)

Em (1a) a posposição *at* sucede um complemento de natureza nominal *ɖaunaiuʔ* ‘homem’ formando com ele um sintagma posposicional *ɖaunaiuʔ at* ‘ao homem’. Em (1b) a posposição *at* ocorre imediatamente depois do marcador da segunda pessoa, *pi-ʔ-* ‘você’ formando o sintagma posposicional *pi-ʔ- at* ‘a ti’.

Tradicionalmente a classificação dos vocábulos de uma língua se divide em dois grandes grupos: classe aberta e classe fechada. No sistema aberto o número de palavras é incontável, além de admitir novos elementos, seja por meio de empréstimos ou como resultado de processos de formação de palavra ao longo do tempo. Já no sistema fechado, as palavras não tendem a crescer, e se preservam no decorrer da história.

Na recente obra *A Gramática do português culto falado no Brasil – Palavras de Classe fechada*, Ilari *et al.* (2015) criticam essa aparente estabilidade das classes fechadas. Para estes autores, a ideia de “fechado” é de alguma forma fruto da concepção das gramáticas tradicionais, e tal visão no mínimo dificulta a compreensão do funcionamento destes itens na língua. Por exemplo, aceitar que

posposições pertencem a uma classe fechada implica dizer que estes elementos não são capazes de sofrer mudanças, ou seja, não podem perder antigos elementos, nem incorporar novos itens.

Os autores explicam que, apesar da estabilidade das classes fechadas, os elementos que as integram também são passíveis de mudanças da mesma forma que os elementos da classe aberta, só que ao contrário destes, a mudança se dá de maneira mais diferente e muito mais lenta: “as classes abertas têm alta possibilidade de criação de novos membros e as fechadas baixa possibilidade”. (ILARI *et all.* 2015 p. 168). Dessa forma, esses autores propõem pensar na diferença entre as classes abertas e fechadas de maneira gradativa.

Assim sendo, os elementos pertencentes a uma classe fechada da língua como as adposições sofrem sim mudanças. Um exemplo disto é que, devido à perda da marcação morfológica de caso durante a passagem do latim para as neolatinas, houve a necessidade da língua utilizar outro recurso que explicitasse a função sintática antes expressa pela marca morfológica. Com isso as preposições passaram a acumular as funções que antes eram expressas pela antiga marcação casual, surgindo então a necessidade de novos itens assumirem funções de preposições.

Por meio de processos de gramaticalização, membros de outras classes passam a exercer papel de preposições. Exemplo disto é que antigos participios do presente, de suas respectivas formas verbais em latim, como as formas *durante*, *mediante*, se gramaticalizaram em português como preposições. Em virtude da escassez de trabalhos, ainda não há como realizar uma discussão profunda acerca da etimologia das posposições na língua Wapixana. Por isso vamos abordar esses elementos apenas do ponto de vista sincrônico. Santos (2006) explica que uma mesma posposição em Wapixana pode apresentar diferentes significados:

- (2) a.   ũ-baʔi-ni:        baiʔi-j        iɖi  
           1-atirar-NPRES flecha-NPOSS INST  
           ‘Eu atirei de flecha’.

- b.    kaziu    ũ-uɾuɖa    ɖazkiɖ-i:    paʔiɲa-ʔu    iɖi  
       doer     1-calcanhar    sapato-NPOSS    novo-ADJR    CAUSA

‘Meu calcanhar dói por causa do sapato novo’.

(Santos, 2006, p. 202)

Nas sentenças acima, observamos que em (2a) a posposição *iɖi* apresenta o emprego de instrumento, enquanto que em (2b) a mesma posposição apresenta a noção de causa. Essa capacidade de uma adposição estabelecer noções semânticas diferentes, dependendo da sentença em que se encontra inserida, é comum em outras línguas como, por exemplo, o espanhol. Analisemos as sentenças a seguir:

- (3) a. Maria viajó con Juan. (companhia)  
       ‘Maria viajou com João’.
- b. Maria golpeó a Juan con el bolso. (instrumento)  
       ‘Maria bateu em João com a bolsa’.

Nos exemplos acima, vimos que a mesma preposição *con* pode apresentar, grosso modo, diferentes noções semânticas a depender da sentença em que está inserida. Essa temática será abordada mais especificamente na seção sobre a semântica das adposições, na qual analisaremos a relação entre esses elementos e a atribuição de papéis temáticos.

O quadro abaixo ilustra os sete elementos em Wapixana que compõem a classe fechada das posposições de seus respectivos empregos conforme assinalado por Santos (2006):

<b>at</b>	<i>benefactivo, recipiente e dativo</i>
<b>iɖi</b>	<i>instrumento, causa e posse</i>
<b>iti</b>	<i>alativo (destino)</i>
<b>iki</b>	<i>elativo (origem)</i>

<b>tim</b>	<i>comitativo</i> (companhia)
<b>i:</b>	<i>estativo</i> (locativo)
<b>an</b>	Maneira como se realiza processo verbal

Tabela 5 – Classe das posposições em Wapixana e seus respectivos empregos. (Santos, 2006, p. 203, adaptado.)

É indiscutível a relevância do trabalho de Santos (*op. cit.*) acerca da gramática da língua Wapixana. Todavia existem muitas questões a serem analisadas nessa língua, fato este que é ressaltado pelo próprio autor ao longo do seu trabalho. Com relação ao tema desta pesquisa, o autor aborda de modo bastante breve o funcionamento das posposições em Wapixana, necessitando assim de uma melhor descrição desses elementos.

Temos consciência de que o presente trabalho não irá solucionar toda a problemática que envolve esses elementos em Wapixana. Contudo, acreditamos que contribuiremos para a ampliação dos conhecimentos de alguns aspectos semânticos e sintáticos na língua Wapixana e, de alguma maneira, com os estudos sobre essa classe de palavras nas línguas.

## 2.2 O estatuto morfológico das adposições

Acerca da discussão sobre os critérios adotados para a definição do vocábulo formal da língua, Câmara Júnior (1985) adota a concepção de forma livre e forma presa do linguista norte-americano Leonard Bloomfield. Além disso, o linguista brasileiro introduz o terceiro conceito de forma dependente grupo ao qual pertencem as preposições.

Ainda no que diz respeito ao vocábulo formal, Câmara Júnior (1985) adota três grandes critérios para classificação dos vocábulos formais da língua portuguesa; o primeiro é referente ao critério semântico que aborda informações do ponto de vista do universo biossocial que engloba a língua; o segundo critério está

relacionado à estrutura morfológica do vocábulo; e o terceiro critério para a descrição e análise de um vocábulo é o funcional (sintático) que analisa as funções que estes elementos desempenham no nível da sentença.

O autor destaca que alguns vocábulos possuem como principal papel numa língua a função gramatical de relacionar entre dois ou mais termos uma conexão, devendo, assim, ser chamados de vocábulos conectivos: “Os conectivos são em princípio morfemas gramaticais. Pertencem ao mecanismo da língua sem pressupor em si mesmos, qualquer elemento do universo biossocial” (Câmara Júnior, 1985, p. 80).

Dentro da língua portuguesa, Câmara Júnior (*op. cit.*) distribui os elementos conectivos em dois grandes grupos: os conectivos de coordenação e os conectivos de subordinação que, por sua vez, são divididos em dois grandes grupos: conectivos subordinativos de vocábulos (preposições) e conectivos subordinativos de sentenças (conjunções). Dentro dessa subdivisão, o grupo das preposições se diferencia do segundo por subordinar um vocábulo a outro: “Flor do campo”, “falei de flores” enquanto as conjunções seriam responsáveis pela subordinação entre sentenças: “Pobre, mas feliz”, “zangou-se, mas tinha razão”. (Câmara Jr. 1985, p. 80)

Ilari *et al.*, (2015) discordam dessa visão generalista que classifica as preposições como “elementos que ligam palavras” enquanto que “conjunções ligam sentenças”. Segundo a visão dos autores, ao afirmar que preposições são conectivos que ligam palavras, cria-se uma oposição aos conectivos que ligam sentenças, tendo em vista que é extremamente recorrente na língua palavras que pertencem a classe das preposições estabelecer conexões entre sentenças, como no exemplo a seguir utilizado pelos autores: “O Palmeiras está vencendo o Corinthians para o alívio dos palestrinos” (Ilari *et al.*, 2015. p. 165).

Os autores explicam que a sequência anterior à preposição: “O Palmeiras está vencendo o Corinthians” é uma sentença completa em si mesma, de modo que o sintagma preposicional “para o alívio dos palestrinos” é desnecessário para a boa formação sintática da sentença (embora forneça uma informação adicional importante).



A princípio poderíamos argumentar que em (4c) a posposição *at* atribui papel temático ao seu complemento na forma de marcador de pessoa *i-ʔ* “ele”. Entretanto, é necessária uma análise mais profunda em construções envolvendo esse tipo de verbo para um melhor entendimento do seu funcionamento sintático na língua Wapixana.

A partir dos pressupostos da sintaxe gerativa, entendemos então que na sentença (4c) “u-ʔu t-a-n paʔakaʔi **i-ʔ-at**” a posposição *at* é do tipo funcional, tendo na sentença o papel de complementação sintática e não de adjunção. Todavia para melhor compreensão do fenômeno seria necessário analisar outros verbos triargumentais como o verbo “dar”. Antes de finalizar a seção, faremos uma breve observação sobre genitivos e sua relação com as adposições.

Ao trabalhar com sentenças genitivas no português brasileiro, Calza (2001) explica que podemos dizer que o caso genitivo indica genericamente o complemento de um nome. O termo também é tradicionalmente utilizado para apontar um dos casos de línguas com o sistema de marcação morfológica de caso como, por exemplo, o latim. O português, ao contrário da língua latina, não possui marca morfológica de caso, de modo que, a marcação casual ocorre pela ordenação das palavras. Entretanto, a autora argumenta que em relação ao caso genitivo é a preposição “de” que desempenha esta função em português:

No PB, da mesma forma que no latim, a preposição *de* é marcada com valor partitivo. Em razão disso, os sintagmas nominais introduzidos por essa preposição e precedidos de um nome regente são denominados *genitivos*. Em outros termos, a palavra *genitivo* designa um sintagma pós-nominal do tipo de + DP (CALZA, 2001, p. 24.)

(5) *As flores de plástico não morrem.*

Na sentença acima o sintagma “As flores de plástico” é composto por um termo regente “As flores” seguido da preposição “de” + um DP “plástico”. O sintagma “de plástico” é um exemplo de genitivo na língua portuguesa. Em outras palavras, trata-se do tipo de matéria de que as flores são feitas (no caso da sentença acima elas são feitas de plástico). Não vamos nos aprofundar na discussão sobre o

genitivo até porque não existe apenas um tipo de construção genitiva (há genitivos de tipo, genitivo partitivo, genitivo de posse etc.). Já sabemos de modo geral que em línguas como o português a preposição “de” também aparece em construções genitivas. Dessa forma, nosso objetivo é saber se o mesmo fenômeno ocorre em Wapixana, ou seja, se são utilizadas posposições na construção de genitivas nessa língua.

Em um artigo sobre construções possessivas na língua, Santos (2005), apresenta uma análise preliminar de como é feita a marcação de posse nessa língua. Assim como em outras línguas da família Aruák, o Wapixana exibe uma diferença morfológica entre termos alienáveis e inalienáveis. A marcação genitiva de posse ocorre pelo posicionamento entre o termo possuidor e o termo possuído. Segundo o autor, por ser uma língua de núcleo-marcado, o Wapixana exibe uma marca morfológica de posse como no exemplo a seguir:

- (6) *i-ɾi sumara-n*  
 3-M arco-POSS  
 ‘arco dele’.

(Santos, 2005, p. 541)

Em (6) o autor explica que a marca morfológica de posse, isto é, o sufixo, *-n* é associada ao constituinte possuído *sumara* ‘arco’, enquanto que o outro constituinte apontado como dependente *iɾi* ‘ele’ não apresenta essa marca. Essa marcação morfológica ocorre na língua Wapixana se o nome for alienável, como dissemos anteriormente. Tal marcação morfológica não ocorre em nomes inalienáveis de maneira que a relação de posse é expressa apenas pela posição entre os termos, por exemplo: *ɖaunaiɾ baiɾi* ‘flecha do homem’. Nesse tipo de genitivo, o objeto possuído *baiɾi* ocorre imediatamente após o elemento possuidor *ɖaunaiɾ*.

Além disso, nas construções inalienáveis, quando o possuidor é explícito há a ausência da marca de não possuído, como observado em *ḡaunaiṛ baiṛi* ‘flecha do homem’, entretanto quando o possuidor não é explícito ocorre a marcação no nome inalienável. Como por exemplo, *baiṛi-j* ‘flecha’ nesse exemplo não há uma construção possessiva, logo, não há um possuidor especificado, por esse motivo *baiṛi-j* apresenta o sufixo marcador de não-possuído *-j*.

Existem também os prefixos pronominais marcadores de posse:

(7) a. **u-ḡakap-a-n**  
3F-roça-EP-POSS  
‘Roça dela’.

b. **wa-ḡakap-a-n**  
1PL-roça-EP-POSS  
‘nossa roça’.

(Santos, 2006, p. 101)

No exemplo (7a) o prefixo **u-** ‘ela’ é o possuidor preso ao nome possuído *ḡakap* ‘roça’ e o **-n** é o sufixo de posse afixado ao elemento possuído *ḡakap*. O mesmo ocorre em (7b), em que a forma presa **wa-** ‘nós’ é o termo possuidor preso ao elemento possuído *ḡakap* e **-n** corresponde à marcação de posse presa ao elemento possuído. Segundo Santos (2006), existem também na língua sufixos pronominais marcadores de posse:

(8) **ũ-tikap-ni: ḡakap-a-n-iḡ**  
1-ver-NPRES roça-EP-POSS-3M

‘Eu vi a roça dele’.

(Santos, 2006, p. 101)

Novamente o sufixo **-n** se encontra afixado ao elemento possuído ‘*ḡakap*’ e o sufixo pronominal **-iḡ** ‘ele’ marca possuidor.

Assim sendo, observamos que não há posposições em construções nos sintagmas nominais. Exemplo:

- (9) a. Kazary idi  
Arara pena  
'Pena **da** arara'.
- b. Tuminkery paradan  
Deus palavra  
'palavra **de** Deus'.

Nos sintagmas acima, temos construções nominais que não necessitam de uma adposição para estabelecer a regência entre os elementos nominais. Além disso, em Wapixana há uma ordem inversa de regência:

- (10) a. Kazary 'arara'      idi 'pena'  
         termo regido      termo regente
- b. Tuminkery 'Deus'      paradan 'palavra'  
         termo regido      termo regente

Essa ordem inversa de regência sem uma adposição ligando os elementos nominais também ocorre em construções nominais que contêm termos de classe:

- (11) a. atamin-ak  
         Árvore-TCL: fruta  
         'fruta **da** árvore'
- b. maba-dap  
         Abelha-TCL: habitação  
         'casa **de** abelha'

Os elementos *ak* 'fruta' e *dap* 'habitação' são formas nominais presas. Santos (2006) explica que esses elementos exibem funções classificatórias em Wapixana:

“isto é, indicam categorias de objetos que são especificadas pelas outras partes dos compostos que integram, construindo, assim, núcleos semânticos desses compostos” (Santos, 2006, p. 108). Esses termos são considerados termos de classe uma vez que atuam sistematicamente nessa língua na formação de novas palavras. Notemos que também nesse tipo de construção os termos regentes que são as formas nominais presas *-ak* e *-dap* seguem seus argumentos nominais *atamyn* e *maba* respectivamente: *atamyn-ak* ‘fruta da árvore’ e *mabadap* ‘casa de abelha’.

Com efeito, percebemos que a ideia de que um genitivo caracterizado como um sintagma nominal com a seguinte estrutura “SN+ Prep.+DP” de Prado (1997, apud CALZA, 2001) não consegue explicar esse tipo de construção em Wapixana. Uma vez que a relação entre os elementos nominais dentro de um sintagma nominal não é realizada por meio de posposição. Entretanto sentenças não-verbais<sup>5</sup> que expressam posse nos levam a acreditar que o complexo possessivo **idi-wa-ʔi** é o responsável por marcar a posse das sentenças:

- (12) a. Diura’a [*arimeraka*<sub>Possuído</sub>] [**pidian**<sub>Possuidor</sub>] **idiwe’y**  
 Dem. cachorro alguém complexo marcador de posse  
 ‘Este cachorro é de alguém’.
- b. Taur’y [*sampa*<sub>Possuído</sub>] [**João**<sub>Possuidor</sub>] **idiwe’y**  
 Dem. enxada João complexo marcador de posse  
 ‘Aquela enxada é do João’.
- c. Taur’y [*zamak*<sub>Possuído</sub>] [**un-daru**<sub>Possuidor</sub>] **idiwe’y**  
 Dem. rede 1- mãe complexo marcador de posse  
 ‘Aquela rede é da minha mãe’.

<sup>5</sup> Segundo Santos (2006), sentenças não-verbais são formadas por um sintagma nominal e outro não-verbal que na maioria das vezes é adjetival estabelecendo assim uma relação de sujeito e predicado. Essa estrutura é bastante comum em Wapixana uma vez que a língua não possui verbos de ligação. Com isso aspectos relacionados a estados são marcados morfologicamente através da afixação do morfema de modo indicativo *-n* ao predicado.

Nos exemplos acima, os elementos nominais *pidian*, ‘alguém’ *João* e *un-daru* ‘minha mãe’ são os elementos possuidores que por seu turno são sucedidos pelo complexo marcador de posse *idiwe’y* indicando, dessa forma, que esses itens nominais que antecedem o complexo possessivo são os elementos possuidores do primeiro item nominal, os elementos possuídos: (12a) *arimeraka* ‘cachorro’; (12b) *sampa* ‘enxada’ e (12c) *zamak* ‘rede’.

Os dados preliminares em Wapixana indicam que o complexo marcador de posse *idiwe’y* atua como uma forma dependente marcadora de posse no nível da sentença. Esse complexo se pospõe ao elemento possuidor enquanto que em sintagmas nominais a posse é marcada morfologicamente através de uma forma presa: *iʔi sumaʔa-n* ‘arco dele’, a marca *-n* é um sufixo afixado ao elemento possuído, enquanto que o elemento dependente *iʔi* ‘ele’ não apresenta marca. Temos consciência de que é necessário um estudo mais específico do genitivo na língua Wapixana para se obter uma melhor descrição da marcação de posse nessa língua, entretanto tamanha especificidade acaba por fugir dos limites desse trabalho.

Nesta pesquisa trabalhamos sob o ponto de vista clássico da teoria gerativa que, trabalha com os conceitos de que, assim como o verbo, o nome e o adjetivo, as adposições também formam os chamados núcleos lexicais, pois esses elementos também são capazes de atribuírem papéis temáticos aos seus complementos. A noção de adposições funcionais é referente às formas que apenas apresentam a função de atribuição de caso gramatical contribuindo apenas com a boa formação sintática da sentença.

No próximo capítulo, explicaremos melhor essa perspectiva teórica e a justificativa para a sua adoção nos estudos sobre as posposições em Wapixana.

## **Capítulo 3 CARACTERÍSTICAS SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS DAS ADPOSIÇÕES**

### **Introdução**

Este capítulo tem por objetivo discutir aspectos sintáticos e semânticos da classe das adposições nas línguas. Para tanto, trabalhamos sob o ponto de vista formal de estudo da língua, embasados nos pressupostos da Gramática Gerativa, mais especificamente, nos moldes da Teoria da Regência e Ligação (GB) e da semântica formal. Ao longo do capítulo, vamos focar a discussão teórica concomitantemente com a análise de exemplos da língua Wapixana, proporcionando, assim, uma melhor exposição teórica e descritiva da temática deste trabalho.

A seção 3.1 deste capítulo apresenta de modo breve o surgimento da sintaxe gerativa nos estudos linguísticos. Logo em seguida, a subseção 3.1.1 expõe uma abordagem teórica a respeito do sintagma adposicional de acordo com a perspectiva gerativa com exemplos de sintagmas posposicionais em Wapixana.

Mais adiante, na subseção 3.1.2, exibimos a discussão acerca da natureza categorial das adposições, em que serão debatidos os critérios de análise utilizados para a classificação dos núcleos lexicais, bem como os argumentos que sustentam a categorização desses elementos como núcleos lexicais. A subseção 3.1.3 traz algumas considerações acerca das diferenças sintáticas entre os tipos de sintagmas adposicionais. Após essa exposição teórica geral, concluímos a seção abordando algumas características sintáticas do sintagma posposicional em sentenças Wapixana.

A seção 3.2 finaliza este capítulo apresentando algumas características semânticas gerais de sintagmas adposicionais em sentenças da língua estudada.

### **3.1 A gramática gerativa nos estudos linguísticos**

A gramática gerativa surgiu em meados do século XX com os trabalhos do linguista norte-americano Noam Chomsky. Essa corrente se diferenciou da visão

estruturalista da época por propor uma nova abordagem nos estudos das línguas, em que a capacidade humana da linguagem ganhou destaque principal nos estudos linguísticos.

O estruturalismo descritivista dominou a primeira metade do século XX nos estudos da linguagem, até então apoiados nos trabalhos do suíço Ferdinand de Saussure e do norte-americano Leonard Bloomfield, dentre outros. Essa corrente centralizava seus estudos na descrição e classificação dos itens que compunham o sistema linguístico (signos, morfemas, fonemas). A Gramática gerativa considera a descrição do léxico, bem como os elementos menores que o compõe, elementos fundamentais na compreensão das estruturas das línguas. Entretanto para a GG mais importante do que isso é saber quais são as regras subjacentes que permitem a realização dessas estruturas nas línguas.

O gerativismo introduz o aspecto cognitivo da linguagem, a capacidade linguística que todo falante possui de a partir de um conjunto de elementos constitutivos, produzir um número potencialmente infinito de expressões linguísticas. Tal capacidade só é possível por causa da sintaxe, pois é por meio dela que a capacidade gerativa das línguas é revelada.

Segundo Kenedy (2015), a sintaxe gerativa estuda como as regras sintáticas são aplicadas nas diferentes línguas. Ainda, segundo o autor, o principal objetivo de pesquisa da SG é investigar a sintaxe das línguas naturais descobrindo o que é universal, ou seja, as regras que são invariáveis e obrigatoriamente presentes em todas as línguas e, também, investigar as possíveis variações existentes de uma língua para outra. Tais regras geram infinitas estruturas gramaticais e também são responsáveis por bloquear sentenças malformadas nas línguas.

Vale ressaltarmos que esse conhecimento implícito que todos os falantes nativos têm sobre certas estruturas sintáticas de uma dada língua não tem nenhuma relação com os conceitos de “certo” e “errado” postulados pelas Gramáticas Tradicionais. Nessa corrente linguística, há somente os conceitos de *gramaticalidade* e *agramaticalidade*, isto é, o julgamento linguístico que o falante nativo, independente do seu grau de letramento, faz sobre as sentenças de sua língua, julgando-as aceitáveis (*gramaticais*) ou inaceitáveis (*agramaticais*), de acordo com sua *Gramática Interna*.

A *agramaticalidade*, ao contrário da *gramaticalidade*, ocorre quando alguma sentença não respeita as regras de funcionamento parametrizadas pela língua. Nos

exemplos a seguir, as sentenças com asterisco não fazem parte da gramática Wapixana, já que a ordem dos constituintes não representa aquela existente:

- (1) a. Daunaiur pa-ra-d-a-n uruu at  
Homem falar-CL:fala-VR-EP-MI 3sgF POSP  
'O Homem fala para ela'.
- b. \*Daunaiur pa-ra-d-a-n at uruu  
Homem falar-CL:fala-VR-EP-MI POSP 3sgF  
'O Homem fala para ela'.
- (2) a. Homem fala **para ela**.
- b. \*Homem fala **ela para**.

A sentença (1a) é perfeitamente possível na língua Wapixana, pois, a regra sintática que determina a ordem entre a posposição *at 'para'* e o seu complemento *uruu 'ela'* é respeitada, uma vez que o núcleo posposição é final e o seu complemento o antecede. O mesmo não ocorre em (1b), pois há violação desse parâmetro da ordem, tendo em vista que o complemento *uruu 'ela'* sucede a posposição *at 'para'* tornando assim a sentença malformada em Wapixana.

Essa regra sintática que determina o posicionamento final da adposição em relação ao seu complemento numa sentença se aplica ao Wapixana e também a outras línguas, como o japonês, o turco, etc. Porém tal regra não é universal. Muitas línguas, tais como as neolatinas, apresentam preposição ao invés de posposição. Nos exemplos em (2), vemos que o português é uma língua que não permite que o complemento da adposição seja anteposto a ela. Isso não é possível porque a língua portuguesa apresenta sistema preposicional, por isso o complemento da adposição sempre é final.

Tendo em vista esse caráter descritivo da Gramática Gerativa nos estudos linguísticos, essa teoria promove uma melhor análise e compreensão das adposições em Wapixana, principalmente no que concerne às categorias sintáticas. Além disso, há uma distinção explícita entre categorias lexicais e gramaticais

(funcionais), servindo deste modo como modelo teórico para o diagnóstico acerca da natureza categorial dos itens. Nesta pesquisa trabalhamos os conceitos de adposições lexicais e funcionais, provenientes da sintaxe gerativa, e consideraremos se tais definições conseguem explicar a dinâmica desses elementos em determinadas sentenças Wapixana.

### 3.1.1 O Sintagma adposicional

Carnie (2006) esclarece que um constituinte é o conceito mais básico e importante na teoria sintática, pois trata-se da unidade de análise da sintaxe, e é formado a partir de uma hierarquia interna.

Mioto *et al.* (2013) explicam que não é possível estabelecer um número de itens dentro de um sintagma, por esse motivo a sintaxe se baseia no núcleo para delimitá-lo. Além disso, é a partir do núcleo que direta ou indiretamente as relações sintagmáticas são formadas.

Os autores explicam ainda que é fundamental identificar o núcleo de um sintagma para poder identificar os componentes deste constituinte, bem como as relações estabelecidas a partir dele. Vale ressaltarmos que os núcleos podem ser foneticamente realizados, mas também podem ser vazios, e nestes casos a identificação do núcleo se dá a partir das relações que estão estabelecidas por ele.

Segundo Santos (2006), na ordem básica da sentença declarativa da língua Wapixana o objeto indireto é obrigatoriamente sucedido por uma posposição (núcleo do sintagma posposicional). Além disso, ele surge logo após o objeto direto. Há ainda situações em que o objeto indireto pode surgir depois do verbo, entretanto o autor explica que essas variações na ordem dos sintagmas parecem ser pragmaticamente motivadas. Analisemos os exemplos abaixo:

- (3) a.   ũ-tum-a-n-ni:            sumaŕa   **i-ŕi**    **at**  
           1-fazer-EP-MI-NPRES   arco       3M-M    BENEFACTIVO  
   ‘Vou fazer um arco para ele’.

(Santos, 2006, p.202)



Diferentemente de (3a) e (3b) *i-ŋi at* ‘para ele’ em que é possível manipulá-lo como uma unidade. No caso da sentença analisada, trata-se do objeto indireto, isto é, o segundo argumento interno.

De antemão já sabemos que a adposição é um dos elementos que compõem os núcleos lexicais. Entretanto, há alguns autores que discordam dessa visão argumentando que, por seu caráter gramatical, os elementos que compõem essa classe de palavras só poderiam ser classificados como núcleos funcionais. Restamos, agora, explicar como é feita a classificação dos núcleos lexicais e funcionais nas línguas, e quais as motivações para classificar a adposição como um elemento lexical.

### 3.1.2 A natureza categorial das adposições

Devemos lembrar que as categorias lexicais, tais como verbos e nomes, por exemplo, são elementos linguísticos que apresentam informações do universo biossocial e, além disso, esses elementos têm maior produtividade linguística. Tal produtividade não ocorre nas categorias funcionais como, por exemplo, as conjunções e os artigos, elementos esses que não representam aspectos do mundo biossocial, além de serem altamente resistentes às mudanças. Kenedy (2013) explica que cada item do léxico é composto por um conjunto de traços e existem três tipos de traços lexicais: semânticos, sintáticos e formais.

À guisa de comparação, os traços fonológicos e os traços semânticos remetem à clássica relação entre significante e significado introduzida nos estudos linguísticos por Saussure. Sendo assim, o significado (traço semântico) está relacionado com o conceito mental que o falante possui do elemento linguístico, enquanto que o significante corresponde à imagem acústica (ou visual, gestos nas línguas de sinais) que esse elemento possui.

Na gramática gerativa, admite-se que os traços fonológicos assim como os semânticos são representações obtidas a partir da sintaxe e que são enviadas para interfaces da linguagem: a forma fonética corresponde à interface sonora/gestual e a forma lógica é referente à interface semântica. Conforme explica Kenedy:

Os traços semânticos presentes num item lexical são aqueles que estabelecem relações entre a língua e o sistema conceitual-intencional, já que é a partir deles que as expressões linguísticas se tornam interpretáveis, assumindo certo significado e dado valor referencial no discurso. Por sua vez, os traços fonológicos de uma unidade do léxico estabelecem relações entre a língua e o sistema articulatório-perceptual, tornando possível que os itens do léxico sejam manipulados pelo aparato sensorio-motor humano e, assim, assumam certa articulação e certa percepção física. (KENEDY, 2013, p. 137)

Os traços formais, por seu turno, dizem respeito às características sintáticas que um elemento lexical dispõe e que ele estabelece dentro de uma sentença com outros elementos. De acordo com Kenedy (*op. cit.*), o nosso sistema computacional é levado a processar três tipos de operações a partir da leitura dos traços formais dos itens lexicais que são: (i) atribuir ao elemento lexical uma dada posição linear na sentença; (ii) estabelecer relações sintáticas e semânticas com os outros elementos da sentença e (iii) são os traços formais que estabelecem as marcas morfossintáticas aos elementos linguísticos que obrigatoriamente necessitam desse preenchimento.

Todo item lexical exhibe características da classe de palavras a que ele pertence e o traço categórico é fundamental para que o nosso sistema computacional distribua hierarquicamente o elemento na sentença. A seguir um exemplo dessa distribuição sintática em uma sentença gramatical e outra agramatical:

- (4) a. [Especificador Yryy] ‘ele’ [Núcleo *chiut nii*] ‘cortou’ [Complemento *dynaii*] ‘a carne’  
 b. \*[Especificador Yryy] ‘ele’ [Núcleo *chiut nii*] ‘cortou’ [Complemento *makun nii*] ‘foi’

A sentença (4a) é aceita em Wapixana porque os elementos lexicais estão distribuídos na sentença em posições que correspondem ao traço categorial de cada item. O núcleo verbal *chiut nii* ‘cortou’ exige para sua realização dois argumentos: o externo que, na sentença em questão trata-se do elemento Yryy ‘ele’, alocado na posição de especificador do núcleo verbal e um argumento interno representado na sentença pelo item *dynaii* ‘carne’. Esta forma apresenta o traço categorial [+N] e é alocada na posição de complemento do núcleo verbal. O sistema computacional

reconheceu o traço [+N] desse item e o colocou numa posição que é compatível com essa categoria.

Já a sentença (4b) é malformada, pois o elemento *makun nii* 'foi' apresenta no léxico o traço [+V] que é um verbo e não pode ser alocado na posição de complemento (argumento interno) do núcleo verbal *chiut nii* 'cortou', haja vista que essa posição deve ser preenchida por itens que contêm o traço gramatical [+N] a agramaticalidade acontece porque o item *makun nii* viola essa regra, pois esse elemento apresenta o traço [+V]. A par dessa breve explicação vamos analisar agora como ocorre a divisão dos núcleos lexicais e também os funcionais.

Os núcleos são divididos em dois grupos: os *lexicais* e os *funcionais*. Esta classificação se dá a partir da combinação de dois traços distintivos: o traço nominal [N] e o traço verbal [V], que recebem valores + ou -, de maneira que a combinação desses traços nos fornece o seguinte quadro com os núcleos lexicais:

	[+N]	[-N]
[-V]	Nome	Preposição
[+V]	Adjetivo	Verbo

Tabela 6 - Divisão dos núcleos lexicais (Mioto *et al*, 2013, p.57)

Os núcleos lexicais - nome, adjetivo e verbo - têm pelo menos um valor positivo para os traços. Este grupo forma as classes abertas, caracterizadas por terem um número indefinido de itens que possuem significado lexical, além de serem produtivas, ou seja, novos itens podem ser criados e incorporados a elas. Haegeman (1994) argumenta que o fato do verbo e da preposição serem núcleos capazes de atribuir papel temático ao seu complemento está relacionado com o traço [-N] que estes elementos possuem. Em contrapartida nomes e adjetivos são incapazes de atribuir Caso devido ao seu traço [+N]. O grupo preposição/posposição só apresenta valores negativos e forma uma classe fechada.

Como já exposto anteriormente, as preposições/posposições constituem uma classe fechada, por isso resistem a criações de novos elementos. Berg (1998) defende que as preposições são elementos de natureza funcional tendo em vista que essas formas apresentam os traços [-N, -V]. Entretanto, para outros autores,

apesar do caráter gramatical desses elementos, o que os mantém como parte do grupo dos núcleos lexicais é a propriedade que eles têm de selecionar semanticamente os seus argumentos (*s-seleção*). Souza (2014) explica que a preposição é elemento predicador (assim como o verbo, nome e adjetivo) o que a permite selecionar semanticamente seu argumento.

Observemos, no exemplo abaixo, como a preposição *s*-seleciona seu argumento:

- (5) a. O avião passou entre os prédios  
 b. #O avião passou entre a misericórdia.

Nos exemplos acima, a preposição *entre*, em (5a), exige que o seu complemento seja interpretado como o *lugar* por onde o avião passou; logo, *entre* *s*-seleciona um DP que possa receber tal papel temático. Por isso, o DP “os prédios”, torna a sentença gramatical, uma vez que aceita o papel temático de locativo. Entretanto, em (5b), a sentença é agramatical pelo fato do DP “a misericórdia” não ter propriedades semânticas de lugar, ou seja, não pode ser *s*-selecionado pela preposição *entre*, recebendo esse papel temático. Como podemos perceber, há preposições que são capazes de selecionar semanticamente seus argumentos, da mesma forma que os outros núcleos lexicais (nomes, verbos e adjetivos), por esse motivo essas preposições são consideradas núcleos lexicais.

Além das preposições lexicais, há também, as preposições funcionais, que são aquelas que não são capazes de selecionar semanticamente complementos, pois sua função na sentença é puramente gramatical. Essas preposições são típicas de construções triargumentais. Entende-se que, nesses casos, o verbo é responsável por selecionar semanticamente os seus dois argumentos internos, cabendo à preposição o papel de atribuir caso gramatical ao DP regido, uma vez que o filtro do Caso, que diz que todo DP pronunciado deve receber caso, deve ser respeitado. Este DP não pode receber seu caso do verbo, uma vez que este já atribuiu caso acusativo ao DP “*flores*”. Então, o DP “*Maria*” só pode receber caso da preposição “*para*”. Uma consequência imediata do Filtro do Caso é a necessidade de uma preposição funcional para tornar a sentença gramatical, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

- (6) a. João ofereceu flores para Maria.  
 b. \*João ofereceu flores Maria.

Em (6a), a preposição *para* aparece na sentença para atribuir Caso ao DP *Maria*. Em (6b), a ausência dessa preposição torna a sentença agramatical, uma vez que este DP não pode receber Caso do DP *flores*, já que este é caracterizado com [+N]. Logo, as preposições funcionais não são capazes de atribuir papéis temáticos, pois não tem função lexical na sentença, seu papel é puramente gramatical, limitando-se apenas a selecionar categoricamente (*c-seleção*) seu complemento e atribuir-lhe caso.

Entretanto, é imprescindível destacar que a análise acima foi realizada em sentenças de uma língua (neste caso o português) com estrutura distinta das línguas indígenas em geral. Cabe agora analisar se tais conceitos também se aplicam ou não ao Wapixana que é classificada como uma língua predominantemente polissintética.

### 3.1.3 Adjuntos adnominais, adjuntos adverbiais e sintagmas complementos

Em um estudo sintático sobre sintagmas preposicionais no português brasileiro, Avelar (2006) defende a ideia de que a preposição *de* na posição de sintagma adnominal é semanticamente esvaziada se comparada a sintagmas adnominais introduzidos pelas preposições *em*, *com* e *para*. Para o autor, esses últimos elementos apresentam uma semântica mais bem delineada quando contrastada com sintagmas adposicionais introduzidos pela preposição *de*. Sua hipótese é que essa preposição *de* é inserida na sentença com a função gramatical de marcação de caso, sem uma vinculação direta com papéis temáticos.

O importante aqui, para o objetivo deste trabalho, é saber de modo geral a divisão dos sintagmas preposicionais e suas respectivas funções dentro de uma sentença, para em seguida confrontar esses conceitos com os exemplos da língua Wapixana. Vamos começar a discussão pelos adjuntos adnominais, e logo após faremos algumas considerações a respeito dos adjuntos adverbiais. Por último, apresentaremos exemplos de sintagmas preposicionais complementos.

Ainda de acordo com Avelar (2006), para que um constituinte preposicionado seja interpretado como *adjunto adnominal* é necessário que o PP esteja localizado logo após o termo nominal modificando-o:

(7) [O garoto *de bicicleta*] saiu.

No exemplo acima, o adjunto *de bicicleta* se situa logo após o DP modificado *o garoto*, restringindo-o. Quando esse PP apresenta esse tipo de função na sentença podemos fazer a seguinte paráfrase: *O garoto que estava de bicicleta saiu*. Todavia se o PP em análise atuar na sentença como modificador do verbo, então teremos um *adjunto adverbial*:

(8) O garoto [saiu *de bicicleta*]

Se a leitura da sentença em (8) for a de que o garoto estava saindo de bicicleta, ou seja o modo como ele saiu (não a pé, não de carro, etc) então, o PP *de bicicleta* exerce a função de modificador do verbo *sair*.

Vale lembrar que preposições também introduzem *complementos nominais* e *complementos verbais* e são consideradas funcionais, pois o seu papel no sintagma é de apenas atribuir caso ao argumento do nome ou verbo da sentença. Diferentemente de PPs adjuntos que atribuem caso e papel temático ao seu complemento:

- (9) a. [A destruição *da bicicleta*] entristeceu o garoto.  
 a'. \* [A destruição *a bicicleta*] entristeceu o garoto.  
 b. O garoto [gostou *da bicicleta*]  
 b'. \*O garoto [gostou *a bicicleta*]

Na sentença (9a), o nome e núcleo *destruição* toma como seu argumento o também elemento nominal *bicicleta*. Como vimos anteriormente, elementos com o traço [+N] não são capazes de atribuir caso. Deste modo, a preposição funcional *de* é inserida como um último recurso para licenciar o DP *bicicleta* tornando-o visível para interpretação semântica. A sentença (9a') é agramatical porque não há a presença da preposição funcional para licenciar o DP *bicicleta*. Por este motivo,

DPs complementos de categoria [+N] são sempre preposicionados.

O verbo gostar em (9b) é tratado como um caso de idiosincrasia do português, isto porque ele é incapaz de atribuir caso acusativo ao seu complemento *a bicicleta*, ocorre que esse DP está protegido do verbo pela projeção máxima da preposição, assim é a preposição que atribui caso oblíquo ao DP *a bicicleta*, a agramaticalidade em (9b') constata a incapacidade do verbo *gostar* de atribuir o caso acusativo ao seu argumento interno.

No estágio atual da pesquisa, não há ainda um trabalho específico sobre a tipologia dos sintagmas posposicionais na língua Wapixana. Os exemplos a seguir foram coletados numa tentativa de compreensão geral da tipologia desses sintagmas em Wapixana.

- (10)  Zyn [kuraidiaunaa tym] kudich-a-n-nii [adjunto adnominal]  
Mulher criança POSP sair-EP-MI-NPRES  
'A Mulher *com a criança* sairão'.

- (11)  Zyn kudich-a-n-nii [kuraidiaunaa tym] [adjunto adverbial]  
Mulher sair-EP-MI-NPRES criança POSP  
'A mulher sairá *com a criança*'.

- (12) Yryy zuich-a-n [arimeraka] (complemento verbal)  
3sgM bater-EP-MI cachorro  
'Ele bate *no cachorro*'.

Em (10) o sintagma *kuraidiaunaa tym* 'com a criança' atua na sentença como modificador do nome *Zyn* 'mulher'. Nessa leitura, a sentença pode ser parafraseada como *a mulher estará em companhia da criança quando for sair*. Em contrapartida na sentença (11) o mesmo sintagma *kuraidiaunaa tym* tem como escopo o verbo *kudichan nii* 'sairá', atuando assim como um adjunto adverbial.

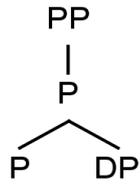
Já em (12) o complemento verbal *arimeraka* ‘cachorro’ não apresenta posposição. Como já dito anteriormente, verbos em português como ‘gostar’ ‘precisar’ e ‘bater’ apresentam idiossincriticamente a preposição funcional para atribuir Caso ao seu complemento. Entretanto, notamos que tais verbos na língua Wapixana não apresentam essa posposição funcional como podemos perceber no exemplo de (12) *zuichan arimeraka* ‘bateu no cachorro’ e também com outros verbos *aipen wyn* ‘precisa de água’ *naydap arimeraka* ‘gosta do cachorro’. O que possivelmente indica que é o próprio verbo que atribui caso ao DP complemento.

### 3.1.4 A representação arbórea do sintagma adposicional

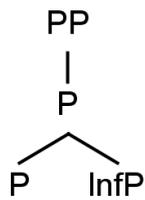
A par dessa rápida consideração sobre os tipos de sintagmas adposicionais e suas respectivas funções dentro de uma sentença, vamos agora discutir acerca da estrutura arbórea destes elementos nas línguas.

Conforme Carnie (2006), a maior parte dos sintagmas preposicionais é formado pelo núcleo preposição seguido de um NP. Já Mito *et al.* (2013) são mais específicos em relação aos tipos de complemento de um núcleo P, os autores informam que no português a preposição pode apresentar complementos das seguintes categorias: DPs (Determiner Phrase), InfPs (Infinitive Phrase), AgrPs (*Agreement Phrase*) e CPs (*Complementizer Phrase*). Logo abaixo, a representação arbórea dos possíveis complementos do núcleo P de acordo com Mito *et al.* (*op. cit.*):

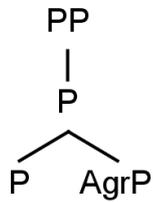
(13) Núcleo funcional DP:



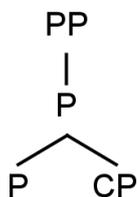
(14) Núcleo funcional InfP: (Infinitive Phrase)



(15) Núcleo funcional AgrP (*Agreement Phrase*):



(16) Núcleo funcional CP (*Complementizer Phrase*):



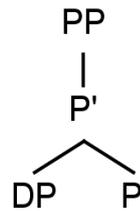
O português é uma língua com sistema de preposição, logo o complemento surge à direita do núcleo P. Além disso, nessa língua este núcleo apresenta quatro tipos de categorias que são os núcleos funcionais DP, InfP, AgrP e CP, como vimos logo acima. Souza (2014) explica que a fixação dos valores paramétricos ocorre durante o processo de desenvolvimento da linguagem, tais parâmetros sempre são binários necessitando sempre de um valor [- ou +] para ser fixado ou descartado.

Um exemplo de variação paramétrica é a ordem dos constituintes. De acordo com sintaxe gerativa, a ordem de palavras numa sentença nunca é aleatória, ela obedece a uma hierarquia interna, de modo que os elementos nucleares nas sentenças são precedidos ou seguidos por outros elementos. Carnie (2006) explica que essa possibilidade de um núcleo ser precedido ou sucedido por seu complemento trata-se de uma variação paramétrica, neste caso, a variação do parâmetro da ordem.

De acordo com Haegeman (1994), as línguas podem apresentar variações com relação a ordem entre P e seu complemento; a autora dá o exemplo do japonês que possuem elementos posposicionais ao invés de preposições: “Again the ordering of P and the complement is not universally fixed. In Japanese, elements corresponding to English prepositions follow their complements and are referred to as postpositions” (HAEGEMAN, 1994, p 103).

Assim como no japonês, na língua Wapixana a configuração Núcleo-complemento de sintagmas adposicionais ocorre à esquerda, ou seja, o núcleo é final, portanto com valor [-] para o parâmetro da ordem isto é, a posposição (núcleo) é precedida pelo seu complemento (ver diagrama 17). Um fato intrigante para a análise de PPs nessa língua indígena é que aparentemente a posposição só *c-seleciona* DPs como complementos. Uma vez que não encontramos nessa língua sentenças com posposições *c-selecionando* outros núcleos funcionais. Neste trabalho vamos nos concentrar na análise do sintagma posposicional em Wapixana debatendo questões referentes à Caso, regência e papel temático. A seguir a configuração do PP em Wapixana:

## (17) Sintagma posposicional em Wapixana (Configuração Complemento-Núcleo)



É importante lembrar que a representação em (17) é apenas uma hipótese inicial obtida de uma análise preliminar de sentenças nessa língua, necessitando de um estudo mais amplo para sua confirmação. A seguir apresentaremos uma análise breve de duas sentenças com PPs em Wapixana, com a finalidade apenas de dar um apanhado geral acerca da representação sintática do sintagma posposicional nessa língua.

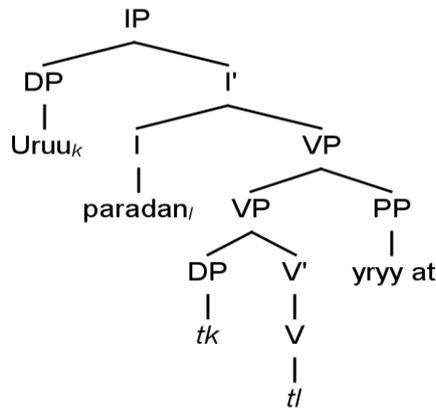
(18) a. Uruu pa-ra-d-a-n yryy **at**  
 3sgF falar-CL:fala-VR-EP-MI 3sgM POSP  
 ‘Ela fala para ele’.

b. Zyn warak-a-n kupay kanyzyy **tym**  
 Mulher cozinhar-EP-MI peixe tucupi POSP  
 ‘A mulher cozinha o peixe com o tucupi’.

Nos exemplos acima as posposições *at* e *tym* não estão ligadas morfológicamente a nenhum elemento, elas também não podem ser consideradas formas livres, pois não funcionam como comunicação suficiente. Deste modo, esses elementos assumem um estatuto de forma dependente, porque necessitam de um complemento para estabelecer sentido. (Câmara Jr. 1985). Os complementos das posposições em (18a) e (18b) são respectivamente os elementos de natureza nominal *yryy* ‘ele’, *kanyzyy* ‘tucupi’.

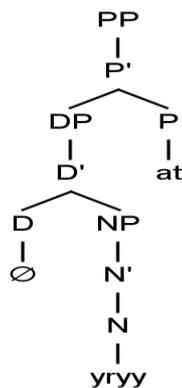
Conforme observamos até o presente momento, o Wapixana aparentemente só apresenta DPs como complemento, ou seja, elementos de natureza nominal. Logo abaixo as representações arbóreas das sentenças (18)

(18) a'. Uru paradan yryy at.



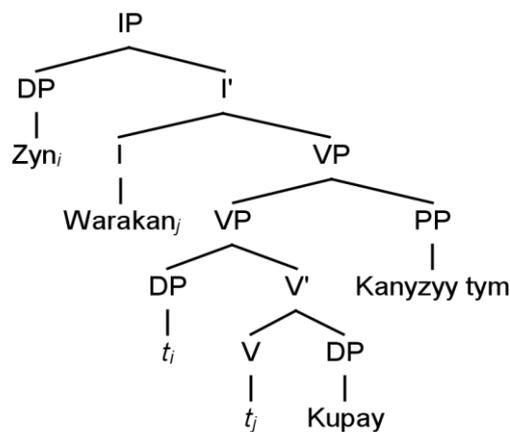
Na sentença acima entendemos que o verbo monoargumental *paradan* 'falou' exige para sua realização o argumento externo *Uruu* 'ela'. Dessa forma o sintagma posposicional *yryy at* 'para ele' apenas acrescenta uma informação semântica a mais na sentença, não sendo obrigatoriamente exigido pelo verbo *paradan* 'falou'. Em consequência disso a posposição lexical *at* atribui Caso e papel temático de "alvo" ao seu complemento *yryy* 'ele'.

(18) a". Yryy at (sintagma posposicional)



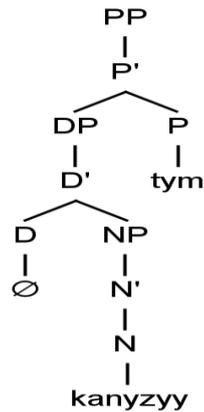
A representação estendida em (18a”) mostra a marcação nula no núcleo de determinante, isto ocorre, porque especificamente nessa sentença não há um determinante. Apesar de a língua Wapixana não possuir artigos, ela possui pronomes marcadores de posse que atuam em sintagmas como determinantes, por exemplo: *Ungary dap* “minha casa”, indicando a existência de determinantes nessa língua, e que sua ordem é determinante/nome.

(18) b’. Zyn warakan kupay kanyzyy tym.



Na sentença acima, o verbo *warakan* ‘cozinhar’ exige dois argumentos para a sua realização plena, *zyn* ‘mulher’ é alocado como argumento externo e *kupay* ‘peixe’ corresponde ao argumento interno do núcleo verbal. Consideramos que o PP *kanyzyy tym* ‘com o tucupi’ é um adjunto, uma vez que não é obrigatoriamente requerido pelo verbo, assim, cabe a posposição lexical *tym* a atribuição de Caso e papel temático ao seu complemento *kanyzyy* ‘tucupi’:

(18) b". Kanyzyy tym (Sintagma posposicional)



Além da atribuição de Caso e Papel temático resta ainda saber como é estabelecida a regência entre o núcleo P e o seu complemento, haja vista que a atribuição de Caso ocorre a partir dessa relação. Para tanto, a sintaxe gerativa define regência baseada na definição de m-comando. Segundo Mioto *et all* (2013, p. 200), as relações de m-comando e regência são definidas da seguinte maneira:

M-Comando:  $\alpha$  m-comanda  $\beta$  se e somente se  $\alpha$  não domina  $\beta$  e cada projeção máxima que domina  $\gamma$  também domina  $\beta$ .

Regência:  $\alpha$  rege  $\beta$  se e somente se:

(i)  $\alpha = X^0$  ( $\alpha$  é um núcleo lexical N, A, V, P ou  $\alpha$  é o núcleo funcional I);

(ii)  $\alpha$  m-comanda  $\beta$  e  $\beta$  não está protegido de  $\alpha$  por uma barreira (= uma projeção máxima)

A princípio podemos notar que todas as representações arbóreas em (18a'') e (18b'') estão de acordo com os princípios de m-comando e de regência, ou seja, todos os elementos nominais *yryy* 'ele', *kanyzyy* 'tucupi', são m-comandados por P de modo que P não domina o seu complemento e o complemento não está protegido de P por uma projeção máxima. Para melhor compreensão da estrutura sintática geral do sintagma posposicional em Wapixana, reiteramos que a análise desses sintagmas será mais bem desenvolvida no capítulo de Análise de dados.



- c. Maria maku-n-nii           dunui **iti**  
 Maria viajar-MI-NPRES cidade POSP  
 'Maria viajará para a cidade'.

A posposição lexical *ii* na sentença (20a) estabelece uma relação entre indivíduo X (Yryy) 'ele' e um lugar Y (tarara) 'carro'. O sintagma posposicional atua na modificação nominal atribuindo a ele um predicado.

Em (20b) o verbo *makun nii* 'viajará' apresenta apenas o sujeito 'Maria', a sentença é perfeitamente gramatical na língua. Demonstrando assim que possíveis adjunções que possam ocorrer como em (20c) são facultativas e não elementos obrigatórios para a boa formação gramatical nessa sentença.

Verificamos que em (20c) o sintagma posposicional *dunui iti* 'para a cidade' modifica o evento *makun nii* 'viajará'. A informação adicional na sentença é obtida a partir da inserção do adjunto *dunui iti* 'para a cidade'. A ideia de locativo dinâmico é expressa por meio da posposição lexical *iti* que atribui papel temático de *destino* ao seu complemento *dunui* 'cidade'.

Constatamos que as relações predicativas só são atribuídas por sintagmas adposicionais adjuntos, isto porque esses sintagmas têm como núcleo uma adposição lexical, isto é, esses elementos atribuem papéis temáticos a seus complementos. O PP adjunto se diferencia do PP complemento, pois o segundo é obrigatoriamente exigido para a boa formação sintática, apresentando a função gramatical de atribuição de Caso.

Por outro lado, o PP adjunto não é obrigatoriamente exigido dentro de uma sentença, pois pode ser inserido visando apenas estabelecer uma informação semântica adicional. Assim essas adposições núcleos de PPs adjuntos são lexicais, uma vez que atribuem caso e papéis temáticos a seus complementos. A partir da informação lexical contida nesses PPs adjuntos, podemos constatar por meio dos exemplos anteriormente analisados que tais sintagmas atuam tanto na predicação nominal quanto na predicação verbal dentro de uma sentença.

No capítulo a seguir, iremos analisar aspectos gerais de posposições na língua Wapixana. A discussão promovida tem como objetivo destacar algumas características sintáticas desses elementos nessa língua.

## Capítulo 4 – POSPOSIÇÕES EM WAPIXANA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

### Introdução

O presente capítulo é voltado para a análise de sentenças com sintagmas posposicionais na língua Wapixana coletadas durante a realização dessa pesquisa. Para tanto, utilizaremos no decorrer da análise os fundamentos linguísticos discutidos no terceiro capítulo deste trabalho, ou seja: atribuição de Caso, regência e atribuição de papel temático. Ressaltamos que esses conceitos foram discutidos nos moldes da Teoria da regência e ligação (GB) respaldados em Haegeman (1994), Carnie (2006) e Carnie *et al* (2014).

O corpus dessa pesquisa é formado por dados elicitados junto à falantes nativos. Por se tratar de uma abordagem formal da língua, analisamos somente as ocorrências de uso desses sintagmas posposicionais pelos falantes. O critério de escolha desses sujeitos era que fossem falantes nativos da língua<sup>6</sup>.

O capítulo está dividido da seguinte forma: a seção 4.1 traz um apanhado geral de alguns conceitos discutidos nos capítulos 1 e 3. Na seção 4.2 apresentamos um quadro com a classe de posposições em Wapixana e seus respectivos papéis semânticos. A seção 4.3 é formada pelas sentenças analisadas neste capítulo. Em 4.4 dissertamos sobre a noção de caso, concomitantemente com a noção de regência que envolve o conceito de m-comando e sua relação com os sintagmas posposicionais nas sentenças analisadas. Por último, a seção 4.5 aborda a semântica das posposições verificando sua atribuição de papéis temáticos aos seus DPs complementos.

#### 4.1 Retomando alguns conceitos

Como vimos na subseção 3.1.2 do capítulo 3, as adposições estão divididas em dois grupos: as lexicais e as funcionais. As primeiras são núcleos de PP adjuntos e possuem um caráter predador, o que as permite selecionar semanticamente seu

---

<sup>6</sup> Para mais detalhes acerca do procedimento metodológico adotado neste trabalho vide Introdução.

argumento e atribuir papéis temáticos a ele. Já as adposições funcionais são núcleos de PPs complementos, cuja função é gramatical, uma vez que é inserida para atribuir caso ao DP regido. Depois de ter seu caso atribuído pela adposição, o DP é licenciado para receber papel temático do verbo. As adposições funcionais são típicas de construções triargumentais.

Na subseção 3.1.4 do capítulo 3, discutimos sobre a estrutura do sintagma adposicional. Em consonância com Haegeman (1994), vimos que as línguas podem apresentar variações com relação à ordem entre P e seu complemento. O Wapixana é uma língua SVO, mas que apresenta o sistema de posposição, sendo assim, o PP nessa língua exibe a configuração Complemento-Núcleo. Além disso, os dados preliminares indicam que a posposição em Wapixana só c-seleciona DPs.

Sabemos que segundo o modelo Princípios e Parâmetros, o Caso é uma propriedade que pesa sobre DPs, segundo a qual todo DP pronunciado em uma sentença deve receber Caso. Existem línguas como o latim, o finlandês, etc. em que a marcação casual ocorre por meio de uma marca morfológica. Contudo existem línguas em que a marcação de Caso ocorre de forma abstrata que é, por exemplo, o caso da língua portuguesa, neste tipo de marcação casual há uma maior rigidez da ordenação dos sintagmas na sentença. Haegeman (1994, p. 158) assume que a marcação abstrata de Caso faz parte da gramática universal enquanto que a sua realização morfológica trata-se de um parâmetro linguístico. “We assume that abstract case is part of universal grammar [...] The degree of morphological realization of abstract case varies parametrically from one language to another”.

Carnie (2006, p. 295) considera como atribuidores de Caso: a flexão (T), o verbo (V) e a preposição (P). O primeiro atribui o caso nominativo (NOM), o segundo é atribuidor de caso acusativo (ACC) e a preposição atribui o caso preposicional (PREP). A atribuição de Caso sempre ocorre sob regência. Neste trabalho, iremos abordar o núcleo (P) em sintagmas posposicionais de sentenças da língua Wapixana discutindo suas propriedades de atribuição de caso e papel temático. Durante a subseção 1.2.3 do capítulo 1, foram apresentados alguns aspectos sintáticos da língua Wapixana. Vimos que, de acordo com Santos (2006), essa língua exibe o sistema de marcação de caso nominativo-acusativo.

O autor defende que a codificação das funções sintáticas na língua acontece por meio da ordem dos constituintes sujeito e objeto e através de marcadores de concordância. Assim sendo, assumimos essa perspectiva na análise do sintagma

posposicional em Wapixana<sup>7</sup>.

#### 4.2 Posposições em Wapixana e seus respectivos papéis temáticos

Em conformidade com Santos (2006), apresentamos aqui os oito elementos que compõem a classe de posposições em Wapixana. Contudo acrescentamos a forma *ai*, pois este elemento exibe as características de uma adposição conforme foi verificado nos dados aqui analisados. Assim sendo, temos um total de nove posposições. O quadro abaixo ilustra estes elementos e seus respectivos papéis semânticos:

<b>iki</b>	Origem
<b>ii</b>	Locativo
<b>iti</b>	Objetivo, Meta
<b>tym</b>	Companhia
<b>at</b>	Alvo, Benefactivo
<b>ai</b>	Causa, Fonte
<b>idi</b>	Instrumento
<b>idia'an</b>	Instrumento (meio de transporte)
<b>an</b>	Via

Tabela 7 - Papéis semânticos das posposições

Adotamos a análise *idia'an* como uma posposição complexa que atribui o papel temático de instrumento do tipo meio de transporte. Conforme verificamos nas sentenças analisadas tais instrumentos correspondem a nomes referentes a meios de transportes na língua Wapixana, como: *kawaru* 'cavalo', *tarara* 'carro' e *kuriaru* 'canoas'<sup>8</sup>.

Na sequência, apresentamos os exemplos com cada posposição nas sentenças analisadas:

<sup>7</sup> Faz-se necessário um estudo mais específico sobre a atribuição de Caso nessa língua indígena, uma vez que ainda não há trabalhos dessa natureza. Esperamos que nosso trabalho, ainda que de forma limitada, contribua com o tema.

<sup>8</sup> Agradeço a professora Dr<sup>a</sup> Zoraide dos Anjos por ter me indicado esta análise.

### 4.3 Sentenças analisadas nesse trabalho

#### I. Sentenças com sintagmas posposicionais adjuntos:

##### *iki* – Origem

- (1) Ungary    kiew-n-nii    [PP [DP dunuui]    **iki**]  
 1sg        voltar-MI-NPRES        cidade    POSP
- ‘Eu vou voltar da cidade’.
- 

- (2) Zyn        kaaw-a-n-nii    [PP [DP dunuui]    **iki**]  
 Mulher    chegar-EP-MI-NPRES        cidade    POSP
- ‘A mulher vai chegar da cidade’.
- 

##### *ii* - Locativo

- (3) Kuraidiaunaa    waut-a-n-nii    [PP [DPywa'uz]    **ii**]  
 Criança        cair-EP-MI- NPRES        rio        POSP
- ‘A criança vai cair no rio’.
- 

- (4) Daunaiur    kaydinh-a-n    [PP [DP zakap]    **ii**]  
 Homem        trabalhar-EP-MI        roça    POSP
- ‘O homem trabalha na roça’.
-

*iti* – Objetivo

- (5) Daunaiur maku-n-nii [PP [DPdunuii] **iti**]  
 Homem viajar-MI- NPRES cidade POSP  
 ‘O homem vai viajar para a cidade’.

- (6) Yryy dim-e-n [PP [DP zakap] **iti**].  
 3sgM correr-EP-MI roça POSP  
 ‘Ele corre para a roça’.

*tym* – Companhia

- (7) Zyn warak-a-n kupay [PP [DP kanyzyy] **tym**]  
 Mulher cozinhar-EP-MI peixe tucupi POSP  
 ‘A mulher cozinha o peixe com o tucupi’.  
*tym*: Acompanhamento ‘**companhia**’

- (8) Zyn kaaw-a-n-nii [PP [DP kuraidiaunaa] **tym**]  
 Mulher chegar-EP-MI-NPRES criança POSP  
 ‘A mulher vai chegar com a criança’.  
*tym*: **Companhia**

*at* – “Alvo” / Benefactivo

- (9) Uruu paa-ra-d-a-n [PP [DP yryy] **at**]  
 3sgF falar-CL:fala-VR-EP-MI 3sgM POSP  
 ‘Ela fala para ele’.  
*at*: “Alvo”
- 

- (10) Daunaiur tum-a-n-nii sumara [PP [DP kuraidiaunaa] **at**]  
 Homem fazer-EP-MI- NPRES arco criança POSP  
 ‘O homem vai fazer um arco para a criança’.  
*at*: **Benefactivo**
- 

*ai* - Causa / Fonte

- (11) Aru dim-e-n [PP [DP arimeraka] **ai**]  
 Veado correr-EP-MI cachorro POSP  
 ‘O veado campestre corre do cachorro’.  
*ai*: **Causa**
- 

- (12) Ungary zamat-a-n-nii saribei [PP [DP zynaa] **ai**]  
 1sg pegar-EP-MI-NPRES lápis menina POSP  
 ‘Eu vou pegar da menina o lápis’.  
*ai*: **Fonte**
-

*idia'an* - **Instrumento**: meio de transporte

- (13) a. Kuraidiaunaa dim-e-n [PP[DP kawaru] **idia'an**]  
 Criança correr-EP-MI cavalo POSP
- K θ
- ↓
- 'A criança corre de cavalo'.

*Idia'an*: **Instrumento meio de transporte**

- b. \*Kuraidiaunaa dim-e-n [PP[DP kawaru] **idi**]  
 Criança correr-EP-MI cavalo POSP
- 'A criança corre de cavalo'.

- (14) a. Yryy wa'ati-n [PP[DP tarara] **idia'an**]  
 3sgM vir- MI carro POSP
- K θ
- ↓
- 'Ele vem de carro'.

*Idia'an*: **Instrumento meio de transporte**

- b. \*Yryy wa'ati-n [PP[DP tarara] **idi**]  
 3sgM vir-MI carro POSP
- 'Ele vem de carro'.

- (15) a. Daunaiur tarayk-a-n ywa'uz [PP[DPkuriaru] **idia'an**]  
 Homem atravessar-EP-MI rio canoa POSP
- K θ
- ↓
- 'O homem atravessa o rio de canoa'.

*Idia'an*: **Instrumento meio de transporte**

- b. \*Daunaiur tarayk-a-n ywa'uz [PP[DPkuriaru] **idi**]  
 Homem atravessar-EP-MI rio canoa POSP
- 'O homem atravessa o rio de canoa'.

*idi*- Instrumento

- (16) Daunaiur    ziup-a-n        zakap [PP[DP sampa] **idi**]  
 Homem        capinar-EP-MI    roça        enxada    POSP

‘O homem capina a roça com a enxada’.

*idi*: Instrumento

- (17) Zyn        chiut-a-n        dynaii [PP[DP marii] **idi**]  
 Mulher     cortar-EP-MI    carne        faca        POSP

‘A mulher corta a carne com a faca’.

*idi*: Instrumento

*an* – Via

- (18) João    dim-e-n        [PP[DP zakapa] **an**]  
 João    correr-EP-MI    roça        POSP

‘João corre pela roça’.

- (19) Maria    nhut-a-n        [PP [DP ywa’uz] **an**]  
 Maria    nadar-EP-MI    rio        POSP

‘Maria nada pelo rio’.

## II. Sentenças com verbos triargumentais:

- (20) Maria t-a-n u'ii [PP [DP kuraidiaunaa] at]  
 Maria dar-EP-MI farinha criança POSP  
 'Maria dá a farinha para criança'.
- 

- (21) Uruu t-a-n parakari [PP [DP yryy] at]  
 3sgF dar-EP-MI caxiri 3sgM POSP  
 'Ela dá o caxiri a ele'.
- 

- (22) Maria na'ak-a-n-nii syyz [PP [DP João] at]  
 Maria levar-EP-MI-NPRES bananas João POSP  
 'Maria vai levar bananas para João'.
- 

### 4.4 Caso e Regência em sintagmas posposicionais em Wapixana

Nesta seção investigaremos como ocorre a atribuição de Caso nos sintagmas posposicionais das sentenças que formam o corpus de análise deste capítulo. Conforme o modelo GB, todo DP pronunciado deve receber Caso pois é esta marcação casual a responsável por dar visibilidade ao DP a fim de que ele possa receber seu papel temático. Culicover (2014), explica que o Caso é atribuído a um

constituente que é regido. Ou seja, a atribuição de Caso só pode ocorrer sob regência. Além disto, sabemos, também, que os atribuidores de Caso são as categorias [-N], ou seja, o verbo (V), a flexão verbal (T) e a adposição (P), (Carnie, 2006). Cada atribuidor só pode descarregar apenas um Caso por vez, da mesma forma que cada DP só pode receber, também, um Caso.

Com relação aos PPs analisados em 4.3, verificamos uma generalização que se aplica a todas as sentenças gramaticais analisadas em *I. Sentenças com sintagmas posposicionais adjuntos*:

(23) Todos os DPs adjuntos das sentenças gramaticais em *I.* são obrigatoriamente sucedidos por uma posposição do tipo lexical tendo em vista que além de atribuir Caso ao seu DP complemento ela também é responsável por atribuir papel temático a esse DP.

As sentenças em *I.* são formadas por verbos monoargumentais<sup>9</sup> e biargumentais, os primeiros se caracterizam por apresentar em sua boa formação sintática apenas 1 argumento, enquanto o segundo tipo é caracterizado por exigir dois argumentos (um externo e o outro interno). Com isto, todos os PPs das sentenças em *I.* são aqui considerados como PPs adjuntos, pois não são obrigatoriamente exigidos para a boa formação sintática dessas sentenças. Kenedy (2013) discorre acerca da diferença entre argumentos e adjuntos:

Enquanto a ocorrência de argumentos numa sentença é inteiramente determinada pela seleção de certo item lexical, a ocorrência de adjuntos em nada está relacionada aos traços do léxico. Os adjuntos de uma sentença são selecionados de acordo com o planejamento de fala dos indivíduos, fenômeno cognitivo independente do Sistema Computacional, que determina, de maneira idiossincrática, os itens que devem compor uma Numeração. (KENEDY, 2013, p. 154-155)

---

<sup>9</sup> De acordo com Mito *et al.* (2013) verbos monoargumentais são subdivididos em *inergativos* e *inacusativos*. O primeiro é referente aos verbos que selecionam apenas um argumento externo enquanto que o segundo grupo é formado por verbos que selecionam apenas o argumento interno. Em *I. Sentenças com sintagmas posposicionais adjuntos*. Há a presença de sentenças com verbos monoargumentais do tipo *inacusativos* e *inergativos*. Contudo ressaltamos que o propósito deste trabalho é analisar o PP em sentenças da língua Wapixana, assim uma discussão aprofundada sobre *inacusatividade* e *inergatividade* acabaria fugindo dos objetivos dessa dissertação.

Retomemos agora algumas sentenças exploradas em *l*.

- (7) Zyn warak-a-n kupay [PP [DP kanyzyy] tym]  
 Mulher cozinhar-EP-MI peixe tucupi POSP
- ‘A mulher cozinha o peixe com o tucupi’.
- tym*: acompanhamento ‘companhia’

- (19) Maria nhut-a-n [PP [DP ywa’uz] an]  
 Maria nadar-EP-MI rio POSP
- ‘Maria nada pelo rio’.
- an*: **Via**

A sentença (7) apresenta o verbo biargumental *warakan* ‘cozinhar’ que exige para a sua boa formação sintática a presença do argumento interno *kupay* ‘peixe’ e o argumento externo *Zyn* ‘mulher’ deste modo, o sintagma posposicional *Kanyzyy tym* ‘com o tucupi’ é considerado um adjunto, pois apresenta apenas uma informação adicional à sentença não sendo assim obrigatoriamente exigido por ela, como comprova a gramaticalidade da sentença abaixo:

- (7’) Zyn warak-a-n kupay  
 Mulher cozinhar-EP-MI peixe
- ‘A mulher cozinha o peixe’.

O mesmo acontece em (19) em que o verbo monoargumental *nhutan* ‘nadar’ exige apenas o argumento externo, o DP *Maria*, podendo assim o PP *ywa’uz an* ‘pelo rio’ ser dispensado, sem comprometer a gramaticalidade da sentença:

- (19') Maria nhut-a-n  
 Maria nadar-EP-MI  
 'Maria nada'.

Com efeito, podemos verificar que de fato as sentenças (7) e (19) apresentam PPs adjuntos na sua estrutura, e esta análise é mantida por nós para todas as sentenças listadas em *I*. Retomaremos, agora, a discussão sobre atribuição de Caso nos PPs em Wapixana.

Conforme foi discutido de modo breve no capítulo 3 *Características sintáticas e semânticas das adposições* (ver subseção 3.1.4 a representação arbórea do sintagma adposicional) a configuração Complemento-Núcleo nada interfere na relação de regência, isto porque de acordo com Haegeman (1994), a ordenação entre P e seu complemento trata-se de um parâmetro linguístico. Com isto, há línguas como o português e inglês que apresentam preposições, e línguas indígenas como Wapixana que apresentam posposição.

Sem interferência na relação de Regência, não há impedimento para a atribuição de caso pela adposição. Para isto, o modelo Princípio e Parâmetro define a noção de Regência baseado na definição de m-comando. Segundo Mito *et al* (2013, p. 200), as relações de m-comando e regência são definidas da seguinte maneira:

M-Comando:  $\alpha$  m-comanda  $\beta$  se e somente se  $\alpha$  não domina  $\beta$  e cada projeção máxima que domina  $\gamma$  também domina  $\beta$ .

Regência:  $\alpha$  rege  $\beta$  se e somente se:

(i)  $\alpha = X^0$  ( $\alpha$  é um núcleo lexical N, A, V, P ou  $\alpha$  é o núcleo funcional I);

(ii)  $\alpha$  m-comanda  $\beta$  e  $\beta$  não está protegido de  $\alpha$  por uma barreira (= uma projeção máxima)

A princípio podemos notar que todos os PPs de sentenças gramaticais analisados em *I*. *Sentenças com sintagmas posposicionais adjuntos* estão de acordo com os princípios de m-comando e de regência. Ou seja, todos os DPs ( $\beta$ ) complementos do núcleo P ( $\alpha$ ) são m-comandados e regidos por P ( $\alpha$ ), uma vez que P ( $\alpha$ ) não domina o seu DP complemento ( $\beta$ ) e o DP ( $\beta$ ) não está protegido de P( $\alpha$ )

por uma projeção máxima. Dessa forma não há impedimento para a atribuição de Caso, tendo em vista que o núcleo lexical P ( $\alpha$ ) m-comanda e rege o DP complemento ( $\beta$ ).

Retomemos a seguir algumas sentenças analisadas em *I*.

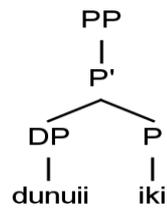
- (1) Ungary kiew-n-nii [PP [DP dunuui] iki]  
 1sg voltar-MI-NPRES cidade POSP  
 ‘Eu vou voltar da cidade’.
- 

- (10) Daunaiur tum-a-n-nii sumara [PP [DP kuraidiaunaa] at]  
 Homem fazer-EP-MI-NPRES arco criança POSP  
 ‘O homem vai fazer um arco para a criança’.
- 

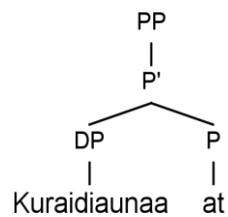
- (12) Ungary zamat-a-n-nii saribei [PP [DP zynaa] ai]  
 1sg pegar-EP-MI-NPRES lápis menina POSP  
 ‘Eu vou pegar da menina o lápis’.
- 

Como é possível verificar em todos os PPs de sentenças gramaticais em *I*, não há impedimentos para a atribuição de Caso pela posposição, uma vez que o princípio de Regência é respeitado. As representações abaixo dos PP de (1), (10) e (12) deixam clara a existência da relação de Regência entre P e seu complemento DP:

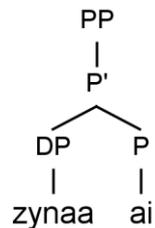
(1')



(10')



(12')



Em (1'), (10') e (12') o núcleo lexical P ( $\alpha$ ) m-comanda e rege os seus DPs complementos ( $\beta$ ), respectivamente: *dunuii* 'cidade', *kuraidiaunaa* 'criança' e *zynaa* 'menina' uma vez que P ( $\alpha$ ) não domina DP ( $\beta$ ) e o DP ( $\beta$ ) não está protegido de P ( $\alpha$ ) por uma barreira (projeção máxima). A relação de regência permite que o DP receba Caso da posposição.

Passemos, agora, a análise de sentenças com a posposição complexa idia'an:

- (13) a. Kuraidiaunaa dim-e-n [PP[DP kawaru] **idia'an**]  
 Criança correr-EP-MI cavalo POSP  
 'A criança corre de cavalo'.

*idia'an*: **Instrumento meio de transporte**

- b. \*Kuraidiaunaa dim-e-n [PP[DP kawaru] **idi**]  
 Criança correr-EP-MI cavalo POSP  
 'A criança corre de cavalo'.

- (14) a. Yryy wa'ati-n [PP[DP tarara] **idia'an**]  
 3sgM vir- MI carro POSP  
 'Ele vem de carro'.

*idia'an*: **Instrumento meio de transporte**

- b. \*Yryy wa'ati-n [PP[DP tarara] **idi**]  
 3sgM vir-MI carro POSP  
 'Ele vem de carro'.

- (15) a. Daunaiur tarayk-a-n ywa'uz [PP[DPkuriaru] **idia'an**]  
 Homem atravessar-EP-MI rio canoa POSP  
 'O homem atravessa o rio de canoa'.

*idia'an*: **Instrumento meio de transporte**

- b. \*Daunaiur tarayk-a-n ywa'uz [PP[DPkuriaru] **idi**]  
 Homem atravessar-EP-MI rio canoa POSP  
 'O homem atravessa o rio de canoa'.

A posposição complexa *idia'an*, aparentemente, indica uma relação com a tipologia do papel temático do DP complemento do núcleo P. Nos exemplos em (13a) (14a) e (15a) *idia'an* atribui o papel temático de instrumento do tipo meio de transporte ao DP *kawaru* 'cavalo' (13a), *tarara* 'carro'(14a) e *kuriaru* 'canao'(15a). Os dados negativos em (13b), (14b) e (15b) demonstram que quando o DP complemento da posposição estiver indicando meio de transporte, a presença de *idia'an* é obrigatória para a boa formação da sentença. Em contrapartida, se o DP instrumento em questão não estiver indicando meio de transporte não há necessidade da posposição *idia'an*:

- (16) Daunaiur    ziup-a-n        zakap    [PP[DP sampa] **idi**]  
 Homem        capinar-EP-MI    roça        enxada    POSP
- K θ  

- ‘O homem capina a roça com a enxada’.
- idi*: **Instrumento**

- (17) Zyn        chiut-a-n        dynaii    [PP[DP marii] **idi**]  
 Mulher        cortar-EP-MI    carne        faca        POSP
- K θ  

- ‘A mulher corta a carne com a faca’.
- idi*: **Instrumento**

Os exemplos (16) e (17) demonstram que quando o DP instrumento complemento da posposição não indicar um meio de transporte, não é utilizada a posposição complexa *idia'an*, e sim a posposição simples *idi* atribuidora do papel temático instrumento nas sentenças.

Com relação à atribuição de Caso pela posposição complexa, afirmamos aqui a necessidade de estudos mais específicos sobre o tema com o objetivo de analisar especificamente o seu comportamento sintático-semântico.<sup>10</sup> Neste trabalho assumimos que a posposição *idia'an* atribui um único Caso gramatical ao seu DP complemento não ferindo assim o princípio que afirma que cada atribuidor de Caso (neste caso a posposição complexa) tem apenas um único caso para descarregar.

Voltamo-nos agora para a análise dos dados em *II. Sentenças com verbos triargumentais*, sentenças estas que compõem a segunda parte do corpus analisado neste trabalho.

A fim de verificar a existência de posposições funcionais em Wapixana, utilizamos como critério a análise de sentenças com verbos triargumentais nessa língua. Uma vez que entendemos que neste tipo de estrutura o verbo s-seleciona três argumentos, de maneira que a flexão T é encarregada de atribuir o caso NOM ao argumento externo e o próprio verbo atribui o ACC ao primeiro argumento interno.

Entretanto ainda resta o segundo argumento interno do verbo receber seu caso para que seja possível a interpretação temática. Como cada atribuidor já descarregou seu Caso, é necessária a inserção de uma adposição que apenas C-seleciona o seu complemento sem atribuir-lhe papéis temáticos. Esse elemento de natureza gramatical é inserido na sentença com a função de atribuir caso ao segundo argumento verbal. “Se um sintagma tem a forma de PP e a função de argumento, a preposição que o encabeça vai ser do tipo (semi) funcional: no máximo ela contribui para especificar o papel semântico do seu complemento, que é atribuído pelo verbo” (Mioto *et al*, 2013, p. 95).

---

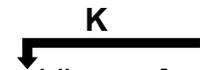
<sup>10</sup> Em Santos (2006, p. 181), encontramos duas sentenças em que a posposição *idia'an* aparece com papéis semânticos distintos daquele apresentado nos dados analisados nesta dissertação:

pisakanat maunap tikaz, idja'an  
 2-sente perto fogo ALL  
 'sente perto do fogo'

No exemplo acima, *idia'an* apresenta o emprego de alativo, enquanto que na sentença a seguir a mesma posposição apresenta o papel semântico de locativo:

kajna: wapiŋan-na-u maŋaʔap-a-n maunap imiʔi-dʒikiu idja'an  
 EXIST wapixana-DÊIT-PL morar-EP-MI perto barro-TCL-:montanha LOC  
 'tem Wapixana morando perto da serra'

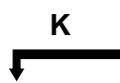
As sentenças com verbo triargumentais em Wapixana a seguir apresentam a ocorrência de uma posposição funcional logo após o segundo argumento verbal. Sem a presença desse elemento a sentença se torna malformada na língua:

- (20) Maria t-a-n u'ii [PP [DP kuraidiaunaa] **at**]  
 Maria dar-EP-MI farinha criança POSP  
 'Maria dá a farinha para criança'.
- 

- (20') \* Maria t-a-n u'ii [DP kuraidiaunaa]  
 Maria dar-EP-MI farinha criança  
 '\*Maria dá a farinha criança'.

- (21) Uruu t-a-n parakari [PP [DP yryy] **at**]  
 3sgF dar-EP-M caxiri 3sgM POSP  
 'Ela dá o caxiri a ele'.
- 

- (21') \*Uruu t-a-n parakari [DP yryy]  
 3sgF dar-EP-MI caxiri 3sgM  
 '\*Ela dá o caxiri ele'.

- (22) Maria na'ak-a-n-nii syyz [PP [DP João] **at**]  
 Maria levar-EP-MI- NPRES bananas João POSP  
 'Maria vai levar bananas para João'.
- 

- (22') \*Maria na'ak-a-n-nii syyz [DP João]  
 Maria levar-EP-MI-NPRES bananas João  
 '\*Maria vai levar bananas João'.

A agramaticalidade em (20') (21') (22') indica que a posposição aparentemente é um elemento obrigatório nessas construções com esses verbos. Como sabemos o papel temático do segundo DP (posposicionado) é atribuído pelo próprio verbo. Assim em (20) (21) e (22), os DPs respectivamente: *Kuraidiaunaa* 'criança', *yryy* 'ele' e 'João' recebem dos verbos o papel semântico de *benefactivo*. Os dados negativos em (20') (21') e (22') corroboram assim a ideia de que a posposição *at* é inserida na sentença para atribuir caso a esses DPs, tornando-os visíveis para a interpretação temática.

Na próxima seção, discutiremos sobre os papéis temáticos atribuídos pelas posposições lexicais das sentenças em *I. Sentenças com sintagmas posposicionais adjuntos*

#### 4.5 Os papéis semânticos das posposições em Wapixana

Nesta seção investigaremos a atribuição de Papel temático nos PPs listados nas sentenças gramaticais de *I Sentenças com sintagmas posposicionais adjuntos* em 4.3. Nesses exemplos, a posposição é o núcleo de um argumento não acarretado pelo verbo. Elas atuam como um elemento predicador, uma vez que são elas próprias que atribuem papel temático ao seu argumento. A propriedade predicativa classifica a adposição como uma categoria lexical. Esses elementos diferenciam-se das adposições funcionais por causa da sua propriedade de atribuir papéis semânticos. Conforme assinala Miotto *et al.*(2013):

No que diz respeito à preposição, é preciso traçar uma distinção entre aquelas que são lexicais e aquelas funcionais [...] As primeiras se caracterizam por serem predicados e apresentarem carga semântica, o que não acontece com as últimas. Predicado 'com carga semântica' pode agora ser traduzido por predicado com a capacidade de atribuir papel  $\theta$ . (Miotto, *et al.*, 2013, p.134)



Retomemos, agora, as sentenças em *l.* com a presença da posposição complexa *idia'an*, nas quais apresentamos a oração gramatical (a) seguida pela forma agramatical (b):

- (13) a. Kuraidiaunaa dim-e-n [PP[DP kawaru] **idia'an**]  
 Criança correr-EP-MI cavalo POSP
- ↓ **K θ**
- ‘A criança corre de cavalo’.
- idia'an*: **Instrumento meio de transporte**

- b. \*Kuraidiaunaa dim-e-n [PP[DP kawaru] **idi**]  
 Criança correr-EP-MI cavalo POSP
- ‘A criança corre de cavalo’.

- (14) a. Yryy wa'ati-n [PP[DP tarara] **idia'an**]  
 3sgM vir- MI carro POSP
- ↓ **K θ**
- ‘Ele vem de carro’.
- idia'an*: **Instrumento meio de transporte**

- b. \*Yryy wa'ati-n [PP[DP tarara] **idi**]  
 3sgM vir-MI carro POSP
- ‘Ele vem de carro’.

- (15) a. Daunaiur tarayk-a-n ywa'uz [PP[DPkuriaru] **idia'an**]  
 Homem atravessar-EP-MI rio canoa POSP

'O homem atravessa o rio de canoa'.

*idia'an*: Instrumento meio de transporte

- b. \*Daunaiur tarayk-a-n ywa'uz [PP[DPkuriaru] **idi**]  
 Homem atravessar-EP-MI rio canoa POSP

'O homem atravessa o rio de canoa'.

Nas sentenças acima, a posposição *idia'an* parece atribuir o papel temático de instrumento do tipo meio de transporte aos DPs *kawaru* 'cavalo' em (13a), *tarara* 'carro' em (14a) e *Kuriaru* 'canoa' em (15a). Conforme as sentenças analisadas neste trabalho, concluímos, de modo preliminar, que *idia'an* atribui esse papel temático específico quando o complemento for um DP instrumento do tipo *meio de transporte*.

Os dados negativos em (13b), (14b) e (15b) demonstram que quando o DP complemento da posposição estiver indicando meio de transporte, a presença de *idia'an* é obrigatória para a boa formação da sentença. Por outro lado, quando o DP instrumento em questão não estiver indicando meio de transporte não há necessidade da posposição complexa *idia'an*:

- (16) Daunaiur ziup-a-n zakap [PP[DP sampa] **idi**]  
 Homem capinar-EP-MI roça enxada POSP

'O homem capina a roça com a enxada'.

*Idi*: Instrumento

- K θ  

- (17) Zyn    chiut-a-n    dynaii    [PP[DP marii] idi]  
 Mulher cortar-EP-MI carne    faca    POSP
- ‘A mulher corta a carne com a faca’.

*Idi*: Instrumento

Os exemplos de (16) e (17) indicam que quando o DP instrumento complemento da posposição não corresponder a um *meio de transporte*, não há o uso da posposição complexa *idia'an*, e sim a forma simples *idi* atribuidora do papel temático instrumento.

Passemos agora a uma breve discussão acerca da perspectiva de papéis semânticos adotada neste trabalho para, logo em seguida, voltarmos para a análise dos papéis temáticos atribuídos pelas posposições em *I. Sentenças com sintagmas posposicionais adjuntos*.

A discussão que envolve o estudo de papéis semânticos na literatura é bastante vasta. Não há, por exemplo, uma lista fixa de papéis temáticos, pois eles variam de autor para autor. Neste trabalho adotamos de modo geral a perspectiva de Haegeman (1994). Contudo, de modo complementar, adotamos alguns papéis temáticos atribuídos por preposições de Berg (2007)<sup>11</sup> que, por seu turno, utiliza a definição de papéis temáticos proposta por Cançado (2003)<sup>12</sup>. Optamos aqui em admitir, também, alguns papéis semânticos do trabalho de Berg (2007) tendo em vista que os dados analisados nessa dissertação apresentam uma tipologia temática que vai além dos papéis listados por Haegeman (1994).

De acordo com Ackema (2014), os papéis temáticos são definidos conforme o seu conteúdo semântico. O autor esclarece que os papéis temáticos recebem um rótulo que descreve o papel que o argumento relevante desempenha no evento ou estado expresso pelo elemento predicador.

<sup>11</sup>Adotamos a perspectiva de Berg (2007) como complementar a análise deste trabalho, mais especificamente utilizamos apenas as propriedades *companhia* e *via*, assumindo que tais papéis temáticos são atribuídos por posposições em sentenças do Wapixana.

<sup>12</sup>Cançado (2003) propõe que o papel temático de um argumento é o resultado de um grupo de propriedades semânticas derivadas das relações de acarretamento estabelecidas por toda a proposição que esse argumento está inserido.

Haegeman (*op. cit.*) explica que as informações sobre a relação semântica entre o predicado e seus argumentos fazem parte do conhecimento lexical do falante nativo e devem, portanto, ser também registradas no léxico. A autora alerta sobre a importância da estrutura temática para os processos sintáticos, mas chama atenção ao fato de que ainda não há um consenso sobre o número de papéis temáticos existentes. Contudo, alguns tipos são geralmente diferenciados entre si e enumera a seguinte lista de papéis temáticos que podem ser atribuídos a argumentos:

- (25) a. Agente / Causador: aquele que intencionalmente inicia a ação expressa pelo predicado.
- b. Paciente: pessoa ou coisa submetida a ação expressa pelo predicado.
- c. Tema: pessoa ou coisa movida pela ação expressa pelo predicado.
- d. Experienciador: entidade que experencia algum estado (psicológico) expresso pelo predicador.
- e. Benefactivo / Beneficiário: entidade que se beneficia pela ação expressa pelo predicado.
- d. Objetivo / Alvo: entidade para a qual a atividade expressa pelo predicado é direcionada.
- e. Fonte / Origem: entidade da qual algo é movido como resultado da atividade indicada pelo predicado.
- f. Locativo: lugar em que a ação ou estado expresso pelo predicado é situado.

A seguir alguns exemplos de predicados com seus argumentos (em itálico) e seus papéis temáticos em Wapixana:

- (26) *Zyn* kaaw-a-n-nii  
TEMA  
Mulher chegar-EP-MI-NPRES.  
'A mulher vai chegar'.



Retomemos a análise temática de PPs em *I. Sentenças com sintagmas posposicionais adjuntos*. Relembrando que os PPs adjuntos apresentam uma informação semântica não acarretada pelo verbo. Assim sendo, é a posposição que atribui o papel semântico ao seu complemento DP.

- (1) Ungary kiew-n-nii [PP [DP dunuii **iki**]  
 1sg voltar-MI-NPRES cidade POSP  
 ‘Eu vou voltar da cidade’.  
*iki*: **Origem**

- (2) Zyn kaaw-a-n-nii [PP [DP dunuii **iki**]  
 Mulher chegar-EP-MI-NPRES cidade POSP  
 ‘A mulher vai chegar da cidade’.  
*iki*: **Origem**

- (3) Kuraidiaunaa waut-a-n-nii [PP [DP ywa’uz] **ii**]  
 Criança cair-EP-MI-NPRES rio POSP  
 ‘A criança vai cair no rio’.  
*ii*: **Locativo**

- (4) Daunaiur kaydinh-a-n [PP [DP zakap] **ii**]  
 Homem trabalhar-EP-MI roça POSP  
 ‘O homem trabalha na roça’.  
*ii*: **Locativo**

- K θ**
- ↓
- (5) Daunaiur maku-n-nii [PP [DPdunuii] iti]  
 Homem viajar-MI-NPRES cidade POSP  
 'O homem vai viajar para a cidade'.  
*iti*: **Objetivo**

- K θ**
- ↓
- (6) Yryy dim-e-n [PP [DP zakap] iti]  
 3sgM correr-EP-MI roça POSP  
 'Ele corre para a roça'.  
*iti*: **Objetivo**

De acordo com Santos (2006), em Wapixana as posposições *iki*, e *iti* expressam a noção de locativos dinâmicos e *ii* corresponde ao locativo estático. Nas sentenças (1) e (2) *iki* atribui o papel temático de *origem* (lugar que se origina o processo) ao DP *dunuii* 'cidade'. Em (3) a posposição *ii* atribui o papel temático de locativo ao DP *ywa'uz* 'rio', (local em que ocorre o processo). O mesmo ocorre em (4) em que o DP *zakap* 'roça' recebe o papel de locativo de *ii*. Em (5) e (6), a posposição *iti* atribui o papel de *objetivo* (local em que se finaliza o processo) ao DP *dunuii* 'cidade' em (5) e *zakap* 'roça' em (6).

- K θ**
- ↓
- (7) Zyn warak-a-n kupay [PP [DP kanyzyy] tym]  
 Mulher cozinhar-EP-MI peixe tucupi POSP  
 'A mulher cozinha o peixe com o tucupi'.  
*tym*: acompanhamento '**companhia**'

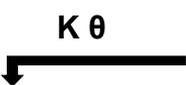
- K θ**
- ↓
- (8) Zyn kaaw-a-n-nii [PP [DP kuraidiaunaa] tym]  
 Mulher chegar-EP-MI-NPRES criança POSP  
 'A mulher vai chegar com a criança'.  
*tym*: **Companhia**

Ainda conforme Santos (*op. cit.*), a posposição *tym* marca o comitativo. De fato, em (8) essa forma atribui o papel de companhia ao DP *kuraidiaunaa* ‘criança’. Uma extensão desse papel de companhia no sentido de ‘acompanhamento’ pode ser vista em (7) sendo atribuída ao DP *kanyzyy* ‘tucupi’ pela posposição *tym*.

- (9) Uruu paa-ra-d-a-n [PP [DP Yryy] at]  
 3sgF falar-CL:fala-VR-EP-MI 3sgM POSP  
 ‘Ela fala para ele’.  
*at*: “**Alvo**”
- 

- (10) Daunaiur tum-a-n-nii sumara [PP [DP kuraidiaunaa] at]  
 Homem fazer-EP-MI-NPRES arco criança POSP  
 ‘O homem vai fazer um arco para a criança’.  
*at*: **Benefactivo**
- 

A posposição *at* em (9) atribui papel de alvo ao DP *Yryy* ‘ele’ e em (10) *at* atribui o papel de benefactivo ao DP *kuraidiaunaa* ‘criança’.

- (11) Aru dim-e-n [PP [DP arimeraka] ai]  
 Veado correr-EP-MI cachorro POSP  
 ‘O veado campestre corre do cachorro’.  
*ai*: **Causa**
- 

- (12) Ungary    zamat-a-n-nii                    saribei    [PP [DP zynaa]    ai]  
           1sg            pegar-EP-MI-NPRES    lápis                    menina    POSP
- ‘Eu vou pegar da menina o lápis’.
- ai*: **Fonte**

No exemplo (11) a posposição *ai* atribui o papel temático de Causa ao DP *arimeraka* ‘cachorro’. Já na sentença (12) *ai* atribui ao DP *zynaa* ‘menina’ o papel temático de fonte.

- (18) João    dim-e-n                    [PP [DP zakap]    an]  
           João    correr-EP-MI                    roça                    POSP
- ‘João corre pela roça’.
- an*: **Via**

- (19) Maria    nhut-a-n                    [PP [DP ywa’uz]    an]  
           Maria    nadar-EP-MI                    rio                    POSP
- ‘Maria nada pelo rio’.
- an*: **Via**

Em (18) a posposição *an* atribui ao DP *zakap* ‘roça’ o papel temático de Via<sup>13</sup>, o mesmo ocorre em (19) em que o DP *ywa’uz* ‘rio’ recebe de *an* o papel semântico de Via, ou seja, *an* indica o meio por onde ocorre a ação indicada pelo predicador.

<sup>13</sup>Segundo Berg (2007) a propriedade *via* corresponde ao ambiente por onde se desencadeia um processo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta nessa dissertação foi apresentar um estudo sobre os aspectos sintáticos da classe das posposições na língua Wapixana. Para tanto utilizamos como marco teórico o modelo GB (Regência e ligação) da Sintaxe Gerativa. A pesquisa teve como objetivos: (i) a descrição e a análise da atribuição de caso; (ii) a noção de regência; (iii) a atribuição de papéis temáticos por posposições em sentenças da língua.

Os dados indicam que as posposições, em Wapixana, têm uma função fortemente lexical, uma vez que esses elementos apresentam grande ocorrência nas sentenças como núcleo de sintagmas adjuntos, atribuindo além de caso gramatical, papéis temáticos ao DP complemento. Verificamos que todos os DPs adjuntos das sentenças gramaticais analisadas são, obrigatoriamente, sucedidos por uma posposição do tipo lexical, pois além de atribuir caso ao seu DP complemento, ela também é responsável por atribuir papel temático a esse DP.

No que diz respeito à atribuição de caso, todos os PPs adjuntos estão de acordo com os princípios de m-comando e de regência. Ou seja, todos os DPs ( $\beta$ ) complementos do núcleo P ( $\alpha$ ) são m-comandados e regidos por P ( $\alpha$ ) uma vez que P ( $\alpha$ ) não domina o DP complemento ( $\beta$ ) e o DP ( $\beta$ ) não está protegido de P por uma projeção máxima. Desse modo não há impedimento para a atribuição de caso já que o núcleo lexical P ( $\alpha$ ) m-comanda e rege o DP complemento ( $\beta$ ). A relação de regência permite que o DP complemento receba caso da posposição.

Em relação à atribuição temática, constatamos nas sentenças com PPs adjuntos que a posposição atua como um elemento predicador, atribuindo papel temático ao DP não acarretado pelo verbo. As posposições em Wapixana e seus respectivos papéis temáticos averiguados neste trabalho são: *iki*: origem, *ii*: locativo, *iti*: objetivo, meta, *tym*: companhia, *at*: alvo, benefactivo, *ai*: causa, fonte, *idi*: instrumento, *idia'an*: instrumento meio de transporte e *an*: via.

Os únicos casos encontrados de posposições funcionais como núcleos de DP complemento ocorreram em sentenças com verbos triargumentais *tan* 'dar' e *na'akan* 'levar'. Nessas construções o segundo argumento verbal é seguido da posposição *at*, sendo agramaticais as ocorrências sem a posposição. Tal agramaticalidade indica que a posposição, aparentemente, é um elemento

obrigatório nas construções com esses verbos. Como sabemos, o papel temático do segundo DP é atribuído pelo próprio verbo, logo, os dados negativos acabam por indicar que a posposição *at* é inserida na sentença para atribuir caso gramatical ao DP, tornando-o, assim, visível para a interpretação temática.

É necessário ampliar a base de dados com verbos triargumentais em Wapixana para verificar quais os contextos em que, assim como o verbo *tan* 'dar' e *na'akan* 'levar' a posposição funcional será inserida, investigando se há outras ocorrências desse elemento em sentenças com verbos triargumentais.

## 6. REFERÊNCIAS

ACKEMA, Peter. The syntax-lexicon interface. In: CARNIE, Andrew. SATO, Yosuke; SIDDIQI, Daniel. **The Routledge handbook of syntax**. Routledge 2014.

AVELAR, Juanito Ornelas de. **Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro. Tese de doutorado**. Universidade estadual de Campinas, Instituto de estudos de linguagem. Campinas, São Paulo, 2006.

AIKHENVALD, Alexandra Y. *The Languages of Amazon*. UK: Oxford University Press. 2012.

BERG, Márcia Barreto. **A natureza categorial da preposição**. Est. Ling., Belo Horizonte, v.7, n.1, p.107-124, jan./jun. 1998. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2187/2126> data de acesso: 04/06/2016.

\_\_\_\_\_. **Os papéis temáticos das preposições**. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/74.pdf> data de acesso: 03/11/2016

\_\_\_\_\_. **Relações predicativas das preposições**. Disponível em:

<http://abralin.org/revista/RV8N2/Marcia.pdf> data de acesso: 03/11/2016

CALZA, Rodolfo Terezinha. **Sentenças Genitivas do Português Brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2001.

CÂMARA, Jr. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis. 15ª ed. 1985.

\_\_\_\_\_. **Princípios de linguística geral**. Livraria Acadêmica, 4ª Ed. Rio de Janeiro. 1969.

CANÇADO, Márcia. Um teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeralda V. & FOLTRAN, Maria José (orgs). **Semântica formal**. São Paulo: Ed. Contexto 2003.

CARNIE, Andrew. **Syntax: a generative introduction**. 2ª ed. Blackwell, 2006.

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica** / Gennaro Chierchia; tradução Luiz Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

COHEN, Maria Antonieta. A. M; MARI, Hugo; LEAL, Maria A. da Fonseca. **Reflexões Diacrônicas** Cadernos de Pesquisa / Núcleo de assessoramento à pesquisa Faculdade de Letras UFMG - 1995.

COMRIE, Bernard. **Language Universals & Linguistics Typology: syntax and morphology**. 2 ed. Chicago: The University of Chicago Press. 1989.

CULICOVER, Peter W. The history of syntax. In: CARNIE, Andrew. SATO, Yosuke; SIDDIQI, Daniel. **The Routledge handbook of syntax**. Routledge 2014.

DIXON, Robert M. N. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. AIKHENVALD, Alexandra Y. (ed.). **The Amazonian languages**. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 1999.

DRYER, Matthew S. Word order. In: SHOPEN, Timothy. **Language Typology and Syntactic Description**. V.1 Clause Structure 2ª. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

FORTE, Janette. Amerindian Languages of Guyana. In QUEIXALÓS, F. RENAULT-LESCURE, O. (org.) **As línguas amazônicas hoje**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2002.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO:

<http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/1757-ibge-divulga-resultado-do-censo-2010-sobre-populacao-indigena?start=3#> data de acesso 03 de agosto de 2016

GABAS JR., Nilson. Linguística histórica. In: BENTES, Anna Christina e MUSSALIM, Fernanda. (orgs.) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. V.1. São Paulo: Cortez, 2001.

GRINEVALD, Collete. A morphosyntactic typology of classifiers. In: SENFT, G (ed) **Systems of nominal classification**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HAEGEMAN, Liliane. **Introduction to government and binding theory**. Oxford-UK, Blackwell. 1994.

ILARI, Rodolfo; CASTILHO, Ataliba T. de; ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de; KLEPPA, Lou-Ann; BASSO, Renato Miguel. “A preposição”. In. **Gramática do português culto falado no Brasil** – Vol. 4: Palavras de classe fechada. São Paulo, SP: Editora: Contexto, 2015.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **Povos Indígenas no Brasil: Wapixana**.

Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>>. Data de acesso: 02 de agosto de 2016.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo. Contexto, 2013.

LANES, Elder José. Ordem e desordem de constituintes em Wapichana (Aruáque). In. CARVALHO, Fábio Almeida de. (org.). **Estudos de linguagem e cultura regional: Regionalismo e interdisciplinaridades**. 1 ed. Boa Vista: Editora da UFRR, 2014.

LAROCCA, M. N. C. **Manual de morfologia do português**. 4ª. Ed. Campinas: Pontes, 2005.

LYONS, John. **Lingua(gem) e Linguística uma introdução**. Tradução: AVERBUG, Marilda Winkler; SOUZA, Clarisse Sieckenius. Ed. Guanabara S. A. Rio de Janeiro. 1987.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do Português**. 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

MAIA, Delta Maria de Souza. **Os Wapixana da Serra da Moça: entre o uso e desuso das práticas cotidianas (1930 / 1990)** Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2014.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. **Novo manual de sintaxe** – São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. Fortaleza: EUFC, 1986.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho; “Sintaxe: explorando a estrutura a sentença” In: FIORIN, José Luiz. (org.) **Introdução à linguística II: Princípios de análise**. 5. Ed. São Paulo: contexto, 2011.

NUNES, Vivian Nina. **A ordem do adjetivo no sintagma nominal em Wapixana**. Dissertação de mestrado. Boa Vista, Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, Universidade Federal de Roraima. 2016.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. **Semântica formal: uma breve introdução** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. (Coleção Ideias sobre Linguagem)

\_\_\_\_\_. Formalismos na linguística: uma reflexão crítica. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna C. (org.) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, v. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, A. R. **Tempo dos netos: abundancia e escassez nas redes de discursos ecológicos entre os Wapichana na fronteira Brasil-Guiana**. 2012. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia. Brasília, 2012.

OTHERO, Gabriel de Ávila. KENEDY, Eduardo. (orgs.) **Sintaxe, Sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015.

PIRES, Marcos Eroni. **Sobre o sistema de posposições em línguas indígenas brasileiras: Um estudo tipológico**. Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces, nº40, p. 223-237, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/40/artigo11.pdf> Data de acesso: 04/02/2016

PRIA, Albano Dalla. **Tipologia Linguística: Línguas analíticas e línguas sintéticas**. Soletas ano VI, nº 11. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2006. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletas/article/viewFile/4652/3431> Data de acesso: 04/02/2016

PIZZIO, Aline Lemos. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que diferenciam nomes de verbos**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, 2011.

POLIMSKY, Maria; PREMINGER, Omer. Case and grammatical relations. In: CARNIE, Andrew. SATO, Yosuke; SIDDIQI, Daniel. **The Routledge handbook of syntax**. Routledge, 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. 4ª. Ed. São Paulo: Loyola, 2002.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2013.

SANTOS, Manoel Gomes. **Considerações sobre a posse nominal em Wapichana** Estudos Linguísticos XXXIV, p. 539-544, 2005. [ 539 / 544 ]

\_\_\_\_\_. **Os sons e a sílaba da língua Wapichana - Uma perspectiva não-linear**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma gramática do Wapixana (Aruák) – aspectos da fonologia, da morfologia e sintaxe**. Tese de doutorado. Campinas, Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, 2006.

SILVA, Bazílio da; SILVA, Nilzimara de Souza; OLIVEIRA, Odair de. [et al] **Paradakary urudnaa: dicionário Wapichana/Português. Português/Wapichana**. Boa Vista: EDUFRR, 2013.

SILVA, O. S. **Os Wapixána: uma situação de contato interétnico**. ILHA Revista de Antropologia, vol. 3, n.1, p. 31-69. Florianópolis, 2001.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. **Gramaticalização: Uma abordagem formal**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

**ANEXO****Anexo A**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**ATIVIDADE AVALIATIVA SEMESTRAL**

Aluno (a) responsável pela atividade: Maria Nayane Prado de Almeida

**ESCLARECIMENTOS SOBRE A ATIVIDADE:**

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de um trabalho acadêmico, realizado pelo aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR) que tem o seguinte objetivo: fazer uma pesquisa sobre aspectos gramaticais da língua Wapixana na fala de indígenas da etnia Wapixana residentes em Boa Vista (RR). Esta atividade faz parte da composição das notas do semestre do aluno (a) acima mencionado.

O senhor (a) será submetido a perguntas diretas sobre determinadas frases que lhe serão mostradas ao longo da entrevista que será realizada pelo (a) estudante da UFRR. Não haverá necessidade de nenhum outro tipo de procedimento além deste. Os nomes não serão divulgados e as informações obtidas são de caráter sigiloso, utilizados apenas para fins acadêmicos.

O (A) senhor (a) tem total liberdade para recusar-se a participar da atividade. Isso não lhe trará qualquer prejuízo, danos ou gastos, bem como não haverá nenhuma remuneração. O senhor (a) só terá que disponibilizar o seu tempo para participar desta atividade, estimado em 15 minutos.

Somos gratos por sua participação.

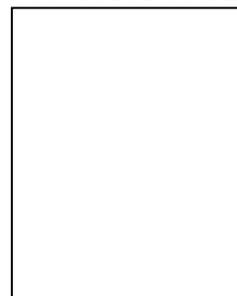
**ACEITE:**

Eu fui devidamente esclarecido (a) sobre a entrevista a ser realizada pelo aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRR. Concordo com a utilização dos dados obtidos, na atividade desenvolvida por ela, tendo conhecimento dos direitos que me foram assegurados, relacionados a seguir:

1. A garantia de obter resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento de dúvida a respeito dos procedimentos, riscos, benefícios e de outras situações relacionadas com o trabalho.
2. A segurança de que será mantido o caráter confidencial da informação.

*Boa Vista RR \_\_\_\_/\_\_\_\_/2016*

Impressão do polegar direito  
caso não saiba escrever seu nome



Identificação e Assinatura do entrevistado:

---

Identificação e assinatura do entrevistador:

---